



SISTEMATIZAÇÃO

Escola Sindical São Paulo Plano Setorial de Qualificação – Planseq



PLANSEQ
Plano Setorial de
Qualificação

**MINISTÉRIO DO
TRABALHO E EMPREGO**



Responsáveis:

Hélio da Costa

Lenir Viscovini

Marilane Teixeira

Marluse Castro Maciel

Educadores

Prominp Vale do Paraíba

Aparecido Silva Martins - São José dos Campos

Cleyton Boson - São José dos Campos

Cristiano dos Reis Souza - Caçapava

João Roberto Costa e Souza - Jacareí

Planseq Araçariguama

Emerson Ribeiro

Mauro Lima de Paula

Priscila Lopes Gallina

Planseq Araraquara

Adriana Saraiva

Claudemir José dos Santos

Paulo Alexandre da Silva

Executor:

Escola Sindical São Paulo - CUT

IIEP (Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas)

SISTEMATIZAÇÃO

Escola Sindical São Paulo e o Plano Setorial de Qualificação – Planseq

O Plano setorial de qualificação - Planseq faz parte do hall de projetos do PNQ (Plano Nacional de Qualificação), estabelecidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego, e tem como objetivo atender trabalhadores (as) desempregados (as) ou em risco de perder o emprego. O intuito do plano é de oferecer-lhes formação e qualificação profissional: um projeto que visa a inclusão social por meio do trabalho.

Segundo documento do PNQ 2003-2007 do MTE, os Planseq's *“se caracterizam como um espaço de integração entre políticas de desenvolvimento e emprego (em particular intermediação de mão-de-obra, qualificação social e profissional e certificação profissional), em articulação direta com oportunidades concretas de ocupação nos novos empregos gerados, observando, quando pertinente, questões de inclusão social”*.

O Planseq pode ser proposto por uma ou mais entidades demandantes, que podem ser prefeituras, escolas do sistema S e técnicas, sindicatos etc. A apresentação da proposta deverá ser seguida por debate participativo por meio de audiências públicas, obedecendo aos critérios de caracterização das demandas. São elas:

- ✓ **Demanda estruturante:** demanda por qualificação social e profissional associada a obras e empreendimentos de infra-estrutura e logística;
- ✓ **Demanda setorial:** demanda por qualificação social e profissional associada a empreendimentos econômicos que não sejam estruturantes;
- ✓ **Demanda emergencial:** demanda por qualificação social e profissional associada à situação iminente de desocupação em massa, calamidade pública ou risco social.

No caso dos Planseq's de Araçariçuama/ Araraçuara/Vale do Paraíba a demanda é setorial. Para que o projeto, financiado pelo Ministério do Trabalho e Emprego, pudesse alcançar êxito, foram feitas várias parcerias com agentes locais; a partir de uma iniciativa da relação do governo federal com o poder local. A escola Sindical São Paulo, no início de 2006, estabeleceu parceria com várias instituições

para realizar o projeto. Dentre elas podemos citar: Prefeituras, Senai, Centro Paula Souza, Sindicatos, etc.

A partir daí vivenciamos três experiências: a primeira delas em Araçariguama, que conta com o envolvimento da Prefeitura Municipal, Senai, Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba e Escola Sindical São Paulo/CUT. Os cursos são da área de metalurgia, pois Araçariguama tem muitas indústrias do setor. Desenvolvemos a experiência também em outras duas regiões: no vale do Paraíba, nas cidades de São José dos Campos, Caçapava e Jacareí, nas quais os cursos envolvem o setor de petróleo e gás, e ainda em Araraquara, a partir de demanda de formação levantada pela prefeitura da cidade em parceria com o Centro Paula Souza.

Ao implantar o Planseq, o MTE procurou instaurar uma nova lógica em relação aos cursos profissionalizantes: o de oferecer qualificação e formação social em regiões onde há demanda de emprego diagnosticada por instituições. Sendo assim, em tese, segundo o MTE, as cidades atendidas deixariam de “importar” mão-de-obra, passando a privilegiar a população local. Além disso, a formação cidadã passa a fazer parte do currículo, proposta pelo próprio ministério e coordenada/executada pela Escola Sindical São Paulo.

A escola teve um papel importante no espaço que o MTE chama de “formação social”. Quando o MTE estabelece, em seus documentos referentes às normas da qualificação profissional, que 20% das aulas devem ser de formação básica (apontamentos para questões de cidadania), possibilita que a educação profissional não se restrinja a ser pensada em seu caráter meramente técnico. Um novo olhar é lançado em relação ao trabalhador, sujeito integral, que pode ser agente transformador de sua própria condição social e da sociedade.

1. DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

Eixo Temático: Cultura, Trabalho e Cidadania

Articulação das temáticas

É neste contexto que a Escola/SP começa a desenvolver os Planos Setoriais de Qualificação. Opta por isso, tentando imprimir nestes projetos a marca registrada em outras experiências formativas, tanto no campo da formação sindical, como no campo da educação integral. A Escola procurou resgatar as práticas vivenciadas em outros espaços da CUT, na qual sempre teve intensa participação, como o projeto Integrar e Integração, no intuito de levar adiante as concepções que orientam a sua prática formativa no campo da formação profissional.

No mundo em que vivemos a cada dia é maior a necessidade de que os sujeitos sejam construtores de si mesmos sujeitos conscientes de sua história. A preocupação da Escola Sindical nos projetos de formação profissional, para além da concepção imposta pelo mercado, foi com a formação de um sujeito crítico e socialmente responsável pelos seus atos. Por entender que o sujeito é agente de sua própria história e por meio da educação integral, a Escola São Paulo desenvolveu os cursos com a intenção de resgatar a necessidade de articulação entre as dimensões técnica, propedêutica e cidadã. Neste contexto, coube aos cursos de formação profissional, garantir uma visão de totalidade do mundo e da história, assim como do processo do conhecimento, sem negar a necessidade de especialização imposta pelo mundo de hoje. Tarefa nada fácil, uma vez que presentes estão nos projetos diversas concepções de educação e de formação profissional.

Simultaneamente as aulas “específicas” dos respectivos cursos profissionalizantes, a Escola São Paulo ficou responsável de realizar o curso de “**Trabalho e Cidadania**”, cujas abordagens passaram por diversos temas como cultura, natureza, socialização, trabalho, emprego/desemprego, mercado de trabalho, direitos trabalhistas, cidadania, participação social, etc.

Dessa forma, o curso **Trabalho e Cidadania**, buscou fornecer aos sujeitos participantes, um instrumental básico à elaboração de uma reflexão sobre o mundo e sobre si mesmo no mundo, de forma a possibilitar-lhe a conquista de uma

autonomia crescente no seu pensar e no seu agir. Teve como objetivos gerais, que os sujeitos:

- Se reconhecessem como produtores de cultura e, portanto, da história;
- Apreendessem conceitos, relacionando-os entre si, bem como saiba utilizá-los para compreensão de sua realidade;
- Compreendessem o papel da reflexão e da produção do conhecimento como enfrentamento dos desafios humanos;
- Elaborassem, por meio de referenciais de análise, seu próprio pensar;
- Se veja e situe-se como cidadão no mundo, interferindo no mesmo;
- Compreendessem o processo de formação (de ensino-aprendizagem) como elemento que possibilita a libertação social;
- Compreendessem o mundo como variante e síntese de diferentes culturas;
- Compreendessem a necessidade de ser sujeito transformador da realidade em que vive.

A articulação do eixo temático Cultura, Trabalho e Cidadania:

Para o desenvolvimento do curso foi definido pela equipe pedagógica do projeto um eixo temático: **Cultura, Trabalho e Cidadania**. Antes do desenvolvimento do eixo temático nos locais do curso, buscamos trabalhar na formação dos educadores do projeto a necessidade da construção da identidade do grupo. O objetivo principal foi buscar conhecer o perfil dos educadores e educandos: quem eram de onde vinham, o que fizeram e o que faziam qual a formação, fato marcante na vida, os anseios e necessidades, etc.

Feito isso, os temas **cultura, trabalho e cidadania** foram articulados no intuito de integrar as temáticas¹. A intenção era discutir os conceitos e suas inter-relações. Nesse sentido, as discussões, em síntese, procuravam mostrar que o homem – ser cultural – transforma seu ambiente natural através do seu trabalho e assim como modifica a natureza também pode por meio de sua ativa participação no mundo, modificar a história, a cultura, a política.

Os objetivos com cada temática foram:

¹ Ver anexo Propostas de Atividades.

CULTURA

Objetivo geral:

- Possibilitar ao educando seu auto-reconhecimento como produto e produtor da cultura e da história (sujeito).

Objetivos específicos:

- Promover a integração dos educandos a partir da construção da identidade cultural do grupo;
- Criar condições para que os educandos percebam e reconheçam a diferença entre a atividade animal e a ação (práxis) humana;
- Desmistificar o conceito de cultura como atividade apenas restrita a especialistas e especialismos, caracterizando-a como “todo um modo de vida”;
- Apreender a questão cultural a partir da transformação da natureza pelos seres humanos;
- Buscar o entendimento de que ao construir o mundo cultural através do trabalho o homem interfere na natureza e assim como transforma a natureza pode também mudar o mundo (a história, a política, a cultura).

TRABALHO

Objetivo geral:

- Possibilitar a compreensão do papel do trabalho no desenvolvimento do mundo humano, bem como possibilitar uma visão crítica a respeito das diferentes formas que o trabalho assume ao longo da história da humanidade.

Objetivos específicos:

- Problematizar e construir o conceito de trabalho, reconhecendo a importância desta atividade peculiar aos seres humanos no seu próprio desenvolvimento como indivíduos e como coletividade;
- Estabelecer relação entre o conteúdo desenvolvido sobre o trabalho e a realidade vivida pelos educandos;

- Compreender as diferentes concepções de trabalho relativas a cada momento histórico e diferenciá-las entre si, assim como reconhecê-las em seu tempo e espaço;
- Compreender e problematizar a complexa questão do trabalho no mundo contemporâneo.

CIDADANIA

Objetivo Geral

- Proporcionar ao educando reconhecer-se como sujeito e agente transformador da história. (articulação com o trabalho na temática cultura e trabalho)

Objetivos específicos

- Discutir o conceito de cidadania; desmistificar/problematizar o conceito (ênfase nas diversas formas de cidadania: outorgada, regulada e ativa)
- Desconstruir os conceitos existentes de cidadania utilizados pelos setores conservadores da sociedade; problematizar quanto a apropriação do conceito.
- Reconhecer os direitos do sujeito e trabalhar a participação política como forma de exercer a cidadania. Ênfase em que participar é muito mais que *fazer parte* de algo, é de fato, *tomar parte*.
- Promover a discussão sobre os chamados direitos universais do ser humano e ampliar os conhecimentos sobre esses direitos.
- Apontar possíveis formas de participação na sociedade.
- Identificar a luta dos movimentos sociais como forma de participação política.

Assim, os três temas (cultura, trabalho e cidadania) foram recortados transversalmente pela discussão sobre a capacidade de transformação cultural e social do homem. Em primeiro lugar a cultura aparece no centro das discussões, pois o ser humano interfere na natureza, tem potencialidade para transformá-la e

para construir todo um modo de vida, o que faz dele um ser cultural em sua essência.

Procurou-se não entender por cultura apenas o que foi e é produzido pela chamada cultura erudita (visão elitista) e sim, entendendo a cultura como “todo um modo de vida”; a forma como homens e mulheres constroem a sua história e interagem uns com os outros no mundo. Nesse ponto, a temática trabalho se fez presente, uma vez que, através do trabalho, em seu sentido criativo, os seres humanos criam suas formas/maneiras de estar no mundo.

O ponto central foi ver que a cultura não é apenas um corpo de trabalho imaginativo e intelectual, é também e essencialmente toda forma de produção humana. Foi enfatizado que a maneira corrente de entender a cultura como sendo aquela apenas voltada às belas artes e ao trabalho intelectual, levou na sociedade em que vivemos a uma separação entre aqueles que teriam cultura e os que não a teriam, entre os que seriam cultos e os incultos. O objetivo foi compreender que esta maneira de ver e conceber a cultura tem muita força na tradição cultural dominante, que assim o faz para continuar dominando. Mas que ela perde sentido quando relacionamos cultura e natureza ou cultura e história.

Para um debate sobre o conceito de cultura a compreensão crítica do mundo da natureza e do próprio mundo da cultura foi de fundamental importância. Tentou-se mostrar que trabalhando o mundo da natureza, que não fizemos, e intervindo nele, criamos o mundo da cultura. A cultura foi entendida como expressão do esforço criador do ser humano na transformação da natureza. Esforço este não apenas intelectual ou artístico, mas de toda e qualquer criação humana. Nesse sentido, é tão cultural a roça do camponês que, impulsionado pela necessidade da comida, prepara a terra, quanto a poesia ou a música do artista moderno. São culturas também, os diversos instrumentos com que este camponês trabalha a terra e a maneira como o faz, quanto a melodia do cantor e a obra do poeta. É cultura a literatura do escritor, culturalmente influenciado pelo momento histórico, político e social de seu tempo, quanto a reza ou a benzedura que o homem do campo e da cidade realiza. É tão cultura a escultura de barro do sertanejo nordestino, quanto a tela pintada pelo artista contemporâneo. Todos esses exemplos revelam atividades culturais humanas.

Estas reflexões visaram mostrar que, entendendo a cultura “como todo um modo de vida” e como sendo expressão de qualquer atividade humana, descobrimos que somos todos cultos e capazes de intervir na natureza. Enquanto ser cultural é o homem o único capaz de transformar a natureza e como bem lembra Paulo Freire: “se é possível obter água cavando o chão, se é possível enfeitar a casa, se é possível crer desta ou daquela forma, se é possível nos defender do frio ou do calor, se é possível desviar leitos de rios, fazer barragens, se é possível mudar o mundo que não fizemos o da natureza, por que não mudar o mundo que fizemos o da cultura, o da história, o da política?”.

A partir desta discussão cultural, mostramos que o conceito de trabalho tem sido confundido, no mundo moderno, com os conceitos de emprego e profissão; regulado pelo tempo e pelo salário, característica da sociedade capitalista. Neste aspecto, buscou-se fazer um rápido resgate histórico com o objetivo de ressaltar que tal fato não acontecia, por exemplo, nas sociedades tribais onde os elementos culturais, sociais e conseqüentemente o trabalho não estavam dentro da lógica econômica moderna.

Nesta temática, abordamos a questão da importância do trabalho para o sujeito (articulada com a discussão cultural). O importante foi estudar as causas do desemprego, os aspectos econômicos e sociais, o lugar do Brasil no mundo globalizado (a globalização e o neoliberalismo, etc). Mas também buscar problematizar sobre as possíveis saídas (questão do desenvolvimento sustentável, geração de emprego e renda, etc). Ao falarmos das possibilidades e de enfrentamento dessas questões, alertamos para a importância da participação social e política e desenvolvemos a discussão sobre cidadania.

Em **cidadania**, discutimos a questão dos direitos sociais e principalmente a questão da participação social.

A visão/concepção de que é possível aos seres humanos chegar a transformação social foi introduzida durante a abordagem da temática cultura e aprofundada na temática de cidadania, principalmente no que diz respeito às discussões sobre participação popular. Analisamos a história do sindicalismo, dos movimentos sociais, a importância da participação na esfera pública etc.

Outra questão de fundamental importância que desenvolvemos no processo de formação dos educadores, para que pudesse ser vivenciado na prática educativa

do curso, foi a necessidade do trabalho coletivo. As temáticas tratadas e sua articulação foram realizadas por meio de diversas maneiras que levassem a integração do grupo e a construção coletiva dos trabalhos. Tal ação pedagógica visava impulsionar o saber acumulado dos educandos, bem como, a necessidade de trocar e contar com o outro na realização do trabalho educativo.

Eixos temáticos da formação/programa do curso:

| Módulo I: Cultura, trabalho e cidadania | Conteúdo |
|--|--|
| Cultura | Identidade cultural; Conceito de cultura; Cultura e Natureza; Conceito de espaço e tempo; Transformação da natureza pelo homem. |
| Trabalho | Conceito de Trabalho; Significado do Trabalho; Transformações no Mundo do Trabalho; Processo de Globalização da economia; Causas do desemprego Discurso da “empregabilidade” e da “competência”; Alternativas de trabalho e a questão do desenvolvimento; Desenvolvimento Sustentável e solidário. |
| Cidadania | Cidadania, Conscientização e Participação Social; Organização dos Trabalhadores e Movimentos Sociais; Direitos Sociais e Políticas Públicas. |

2. FORMAÇÃO DE FORMADORES E O DESENVOLVIMENTO DAS TEMÁTICAS

Os alicerces do processo de Formação

“... não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, que é trabalho, é práxis, é transformação do mundo, assim, dizer a palavra não deve ser privilégio de alguns homens, mas direito de todos. Daí a importância do ato dialógico”.

Paulo Freire

A formação dos formadores realizada no desenvolvimento do Planseq foi realizada de forma sistemática, como condição para a construção e fundamentação das temáticas.

A formação passou a impulsionar o desenvolvimento das temáticas remetendo ao grupo à criação, e à construção em oposição à assimilação e à reprodução. Por isso, para caracterizar a formação, fizemos uma relação direta com um processo de auto-formação da equipe do programa.

Entendida, como processo permanente de ação, a formação foi inserida no cotidiano e voltada para a melhor qualificação prática do agir. A foi formação, como processo permanente, coletivo e voltada para a transformação social por estar relacionada aos processos organizativos e políticos, à construção coletiva do conhecimento e o caráter integral do conhecimento e da prática educativa.

A educação não é a chave das transformações sociais, mas não tem porque ser a reprodutora da ideologia dominante: Como afirma Paulo Freire *“O educador, a educadora crítica não podem acreditar que, a partir do curso que coordenam, podem transformar o país, mas podem demonstrar que é possível mudar e nisso radica a importância de sua tarefa política pedagógica”*². É, a partir da descoberta de que a formação é uma prática política, que o educador delineia em favor de quem e contra quem está a sua ação.

O saber que é o sustento de todos os outros saberes e que os educadores devem ir constituindo é o reconhecer-se como um ser inacabado, um ser histórico que identifica seus condicionamentos e suas potencialidades. Por isso, desde a

² idem

perspectiva dialética, processual e contínua, a preocupação do educador não radica só na apropriação do objeto de conhecimento, mas igualmente com os sujeitos desse conhecimento, identificando, assim, os diferentes papéis que assumem dentro do processo educativo. Certamente esses papéis variam em função da concepção de mundo e de educação, da compreensão do ensinar e do aprender e da definição do próprio ato de conhecer.

A leitura crítica da prática docente, enquanto fundamento da formação, deve não só ser ponto de partida, mais a base da análise e interpretação, num exercício permanente de re-significação – à luz da leitura da realidade e da construção de um projeto societário contra-hegemônico.

Por isso, dentro da proposta formativa do Módulo foi construído o diálogo e a efetiva participação de todos os agentes dessa construção, como condição imprescindível para desenvolvimento da proposta formativa.

A formação criou oportunidades de reflexão e permitiu por meio da troca de experiências, a circulação de informações, a elaboração de uma prática; e nessa relação, os agentes envolvidos no processo educacional deixaram sua condição passiva frente ao processo de ensino-aprendizagem para exercerem um papel de pesquisadores do conhecimento, numa perspectiva participativa e de interação com o conhecimento; entendendo que o conhecimento é resultante de um processo dialético de ação-reflexão-ação.

Público:

- Educadores do Planseq (Vale do Paraíba, Araçariguama e Araraquara)

Objetivos da formação:

- Promover a integração da equipe de educadores do projeto;
- Apresentar a concepção de educação/formação da Central Única dos Trabalhadores/CUT e do projeto de Qualificação com ênfase no módulo Básico: Trabalho e Cidadania;
- Apresentar e promover a discussão sobre o eixo temático do curso: Cultura, Trabalho e Cidadania (o que se pretende e quais os objetivos com cada temática e com o conjunto delas);

- Desenvolver com o grupo de educadores (a partir da proposta da coordenação) a temática Cultura com ênfase na discussão sobre o conceito de cultura e de natureza;
- Conceituar a temática cultura e sua relação com as demais temáticas: trabalho e cidadania;
- Construir com os educadores um plano de aula para a temática.

QUADRO SÍNTESE DOS ESPAÇOS FORMATIVOS

| TEMÁTICA | OBJETIVOS | CONTEÚDOS | LOCAL |
|-----------------|---|--|--|
| Cultura | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Aprofundar com os educadores à temática Cultura com ênfase na discussão sobre cultura e natureza; ▪ Problematizar e discutir os conceitos de cultura, espaço e tempo; ▪ Construir com os educadores um plano de aula para a temática. | <ul style="list-style-type: none"> ▪ O homem como produto e produtor da cultura e da história (sujeito); ▪ Identidade cultural do grupo; ▪ O conceito de Cultura e Natureza; ▪ A desmistificação do conceito de Cultura e Natureza; ▪ Cultura como “todo um modo de vida”; ▪ Relação entre cultura e trabalho. | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Escola Sindical SP ▪ SENAI/Araraquara ▪ Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba |
| Trabalho | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabelecer articulação entre a temática anterior (cultura) e a temática trabalho a partir da leitura do texto “O mundo do trabalho.” Discutir e problematizar a temática a partir da leitura do texto com base nas seguintes questões: ▪ Qual a relação entre trabalho e cultura? | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Conceito de Trabalho/Significado do Trabalho; ▪ Transformações no Mundo do Trabalho e Processo de Globalização da economia; ▪ Causas do desemprego/ ▪ Desmistificação do discurso da “empregabilidade” e da “competência” | |
| Trabalho | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Problematizar e construir o conceito de trabalho, reconhecendo a importância desta atividade peculiar aos seres humanos no seu próprio desenvolvimento como indivíduos e como coletividade; ▪ Estabelecer relação entre o conteúdo desenvolvido sobre o trabalho e a realidade vivida pelos educandos; | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Alternativas de trabalho e a questão do desenvolvimento; ▪ Desenvolvimento Sustentável e solidário | |

| | | | |
|------------------|--|---|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender as diferentes concepções de trabalho relativas a cada momento histórico e diferenciá-las entre si, assim como reconhecê-las em seu tempo e espaço; ▪ Compreender e problematizar a complexa questão do trabalho no mundo contemporâneo. | | |
| Cidadania | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Discutir o conceito de cidadania (Outorgada, regulada e ativa). ▪ Proporcionar ao educando reconhecer-se como sujeito e agente transformador da história. ▪ Reconhecer direitos e deveres do cidadão e identificar a participação como forma democrática de exercer cidadania. ▪ Promover a discussão sobre os direitos universais do ser humano e ampliar os conhecimentos sobre esses direitos para que os educandos se reconheçam como cidadãos ativos. ▪ Identificar possíveis formas de participação na sociedade. ▪ Identificar a luta dos movimentos sociais como forma de participação política | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Cidadania, Conscientização e - Participação Social; ▪ Organização dos Trabalhadores e Movimentos Sociais; ▪ Sindicato e Direitos Trabalhistas | |
| Cidadania | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Socializar as aulas anteriores e o desenvolvimento das temáticas: Atividades realizadas, Receptividade dos | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Direitos Sociais e Políticas Públicas ▪ Discussão sobre a questão da participação | |

| | | | |
|--|---|---|--|
| | <p>educandos, Avaliação</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Discussão conceitual sobre cidadania e participação | <p>social. O que é participação social e sua importância para a vida em sociedade</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Apresentação, discussão e elaboração das sugestões de aula.▪ Formas de sistematização /registro. | |
|--|---|---|--|

3. A SISTEMATIZAÇÃO

O que é sistematizar?

Sistematizar é recuperar lembranças, memórias, práticas, e debruçar-se sobre elas no intuito de construir um significado para estas práticas a partir de um olhar distanciado e analítico. Sistematizar é compreender a intenção, os fundamentos e os porquês de uma experiência, identificando os desafios vivenciados e os avanços conseguidos.

Sistematiza-se para compreender as práticas, tendo como objetivo a aprendizagem, a formação e a transformação. Assim como todo o fazer educativo, a sistematização tem uma dimensão *pedagógica*, *formativa* e também *política*, pois é impregnada de valores, concepções e pressupostos. E tem ainda uma dimensão *epistemológica*, ao produzir conhecimento sobre a experiência, e uma dimensão *ética*, já que possibilita a construção de uma identidade comum, coletiva.

Sistematizar o percurso e as produções realizadas coletivamente é poder organizar seus elementos fundamentais, apresentando-os de forma a ressaltar as diretrizes políticas, as limitações encontradas e as possibilidades alcançadas. Com esses elementos, podemos fazer uma análise crítica da aproximação entre a realidade posta e a realidade almejada.

A sistematização pode ser caracterizada como um amplo processo educativo onde os atores envolvidos constroem a narrativa de sua trajetória coletiva, ao atribuir significados às ações, às conquistas e aos obstáculos.

Trata-se de uma construção pessoal e coletiva, intencionalmente planejada e realizada por pessoas que, tendo vivenciado uma ação, querem descobrir e construir o seu sentido, perceber o seu significado como experiência humana pessoal e social. Buscam, portanto, transcender a experiência e reorientá-la (*João Francisco de Souza, 2001*).

“Só sistematiza quem está inserido no processo.”

Por que sistematizar?

Sistematizar é abrir-se para a negociação cultural com o outro. É uma ação coletiva, um viver compartilhado onde se busca a compreensão dos porquês e das

contradições pelas discussões, reflexões e elaborações; ou seja, por meio de aprendizagens, caminhando para a mudança.

A sistematização possibilita aos sujeitos de uma ação coletiva compreender as suas experiências cotidianas dentro de uma contextualização existencial e histórica. É uma construção constante que confronta, discute e compartilha as ações e as interpretações de cada um dos sujeitos sobre essas ações cotidianas.

A sistematização, além de ser um processo essencialmente educativo, auxilia na formação de uma postura teórico-metodológica imprescindível nesta nossa perspectiva de formação dos trabalhadores. Ela contribui para consolidar uma visão de mundo – que é uma condição para o fazer político-educativo.

“A sistematização é o processo através do qual recolhemos informações, refletimos e selecionamos o mais importante das experiências. Para isso, se faz uma parada no caminho e se percebe a maneira como viemos atuando. Tomamos essas experiências para análise e interpretação”.

João Francisco de Souza

Sistematizar é colocar-se em situação de aprendizagem frente a esse fazer; é predispor-se a circular, consciente e inconscientemente, entre os limites do novo e do já vivido.

A história não é pré-determinada. Ela se constrói com a vontade, a consciência, a ação e a imaginação de homens e mulheres de cada tempo; e o produto deste esforço é a resposta às aspirações, aos desafios, aos sonhos gerados e curtidos ao longo das experiências vividas.

A sistematização é indispensável para podermos responder aos desafios imediatos e estratégicos da nossa ação política e *educativa*. As experiências cotidianas nos trazem aprendizagens fundamentais para o desenvolvimento de qualquer ação planejada. Porém, essas experiências precisam ser analisadas, avaliadas e sistematizadas, para que possam intervir qualitativamente nos processos coletivos de produção de conhecimentos.

A Sistematização do Módulo Cultura, Trabalho e Cidadania do Planseq.

O fortalecimento do projeto (Planseq) depende de um olhar atento e crítico sobre o processo que vêm sendo desenvolvido. As ações desencadeadas são partes essenciais da proposta formativa implantada pela Escola Sindical da CUT no desenvolvimento do Planseq. No entanto, elas só poderão alcançar os resultados esperados se nos dedicarmos a sistematizá-las, como forma de produzir uma reflexão analítica com vistas ao aperfeiçoamento do percurso formativo.

A Sistematização precisa ser assimilada pela equipe de educadores como uma ferramenta de trabalho. Registrar as nossas ações, debater sobre elas e relatar os resultados deste debate é uma atividade simples, mas muito rica quando nos damos conta dos resultados que ela produz.

Assumir a sistematização dentro das práticas pedagógicas nos coloca frente a um ato de criação. O educador ou a educadora deixa os fazeres pedagógicos como mero ato mecânico e repetitivo em prol de uma postura transformadora como co-autor e ator do processo de aprendizagem.

Ao agregar a sistematização aos percursos formativos, ao nosso fazer cotidiano na formação, podemos projetamos vários objetivos, destacando-se:

- Avaliar políticas públicas;
- Perceber-se enquanto sujeito;
- Apropriar-se da experiência;
- Construir a memória coletiva;
- Produzir conhecimento;
- Elaborar uma política de formação, e
- Planejar as próximas ações.

Definindo o eixo da sistematização

A definição do eixo da sistematização foi a partir do debate e reflexão de questões respondidas pela equipe, por uma “chuva de idéias” – ou seja, num primeiro momento foi levantado várias respostas para às provocações, e depois estas respostas foram analisadas uma a uma. As respostas consensuadas pelo grupo foram assim conformando o eixo da sistematização.

- Em que medida 'este trabalho que está sendo sistematizado' contribuiu na construção da formação integral dos trabalhadores?
- Como 'este trabalho que está sendo sistematizado' contribuiu para ampliar a visão coletiva sobre as temáticas da formação, ampliando os horizontes e abrindo novas perspectivas?
- Qual a contribuição real que 'este trabalho que está sendo sistematizado' trouxe para cada um dos atores envolvidos no processo?
- Quais as mudanças que podemos perceber a partir da implantação (ou do desenvolvimento) 'deste trabalho que está sendo sistematizado'?

PRINCIPAIS QUESTÕES LEVANTADAS PELOS EDUCADORES:

- A formação política é trabalhada dentro do projeto de qualificação profissional;
- Construir uma educação integral;
- Os módulos referentes à cidadania contribuem muito, mas, é pouco tempo e precisa de continuidade;
- Os alunos tiveram uma construção individual, um conhecimento político que pode ser observado nas produções do início do curso e no fim do curso;
- Os educandos passam a ver com outros olhos o contexto, a sua realidade;
- O desenvolvimento do módulo foi muito positivo para formação dos educadores: "nós, os educadores tivemos que rever nossas concepções e valores, fazer um resgate de leituras".
- Pode-se observar o quanto o técnico está relacionado com o político;
- O aluno começa a questionar e buscar outros caminhos para superação das dificuldades;
- O curso incentiva a continuidade dos estudos;
- Muitos se inscreveram para a prova do ENEM;
- A estrutura temática e a articulação dos temas foram fundamentais para o desenvolvimento do curso;
- A forma de selecionar os temas e textos em conjunto com educadores facilitou e trouxe uma dinâmica importante para o curso;

- Os temas possibilitaram o exercício da interdisciplinaridade;
- Esta estrutura temática pode ser uma proposta curricular para o ensino médio;
- O planejamento em equipe garante o sucesso do trabalho;
- Temos que relacionar mais a escolha dos temas com o perfil dos educandos;
- As temáticas estimulam os educandos e educadores a estudos filosóficos e sociológicos; vontade de leitura e pesquisa.

A partir dessas questões cada projeto específico definiu seu eixo para sistematização.

Araçariguama: “Construção Coletiva da Estrutura Temática”

Araraquara: “O espaço formativo e a qualificação profissional”

Vale do Paraíba: “Vivências e conflitos do cotidiano da prática educativa”

Roteiro da sistematização do módulo.

Após a definição do eixo foi realizada a leitura do texto abaixo e a organização do roteiro de trabalho.

Como sistematizar uma ação?

A construção da sistematização da ação foi através do coletivo. Depois de entrar em consenso quanto ao ‘*por quê*’, e ‘*para quê*’ sistematizar, socializamos o conteúdo trabalhado por todos os sujeitos envolvidos na ação.

Um integrante de cada grupo assumiu o papel de orientador/coordenador do processo e apresentou algumas reflexões provocativas, para que fosse definido o eixo da sistematização. Definido o eixo, estabeleceu-se um roteiro de discussões no sentido de conduzir ao resultado proposto.

Passos da sistematização

Para o desenvolvimento do processo de sistematização com os sujeitos, realizamos os seguintes passos:

| | |
|--|--|
| Os sujeitos que irão realizar a sistematização | Identificação dos sujeitos que fazem parte do processo de sistematização, definição do grupo, motivações, experiências e definição do que é a sistematização para o grupo. |
| Os objetivos da sistematização | <p>A definição do objetivo da sistematização é o momento de se perguntar: “qual é a necessidade da sistematização que está sendo proposta e o que podemos ganhar com ela?”. A formulação de onde se pretende chegar pode ser expressa na forma de objetivos da sistematização.</p> <p>A delimitação do objeto, da vivência ou da experiência pedagógica dentro de um espaço, de um tempo e do eixo da sistematização.</p> |
| O Trabalho de Campo | <p>A recuperação do processo vivido (descrição do processo e coleta de dados quantitativos e qualitativos, através de questionários, entrevistas, depoimentos ou reuniões).</p> <p>A reconstrução histórica (seleção de fontes teóricas que sustentem a experiência e que conformem um marco teórico/relatórios e FF)</p> <p>A ordenação e classificação da informação (tabulação de dados, registro de fotos e depoimentos)</p> |
| A Interpretação (Fundamentação teórico-metodológica) | <p>A interpretação crítica (relação entre as teorias referenciais e a prática sistematizada formando o marco teórico-metodológico);</p> <p>A análise e a síntese;</p> <p>A formulação de conclusões (identificação das contribuições da sistematização).</p> |
| A Comunicação e Socialização dos resultados | Os produtos da sistematização devem ser socializados e para tal podemos dispor de vários meios como vídeo, mural, textos de análise, Quadros comparativos, peças de teatro, poesia, música, etc. |

Ressaltamos no percurso formativo que sistematizamos para aperfeiçoar as nossas práticas e que a sistematização tem valor se inserida dentro de um processo formativo que visa ao aprimoramento. A sistematização de uma prática se oferece como uma ferramenta aos sujeitos deste processo, que terão condições de analisar as suas ações cotidianas por ângulos até então desconhecidos. Identificar novos significados para estas práticas; reconhecer efeitos inesperados; descobrir resultados não projetados; perceber a ação influenciando outros sujeitos, são apenas alguns dos resultados que podemos esperar da sistematização.

Da sistematização podemos esperar um processo de construção coletiva de conhecimento que parte da revisão e da confrontação das teorias já existentes, e segue com uma reflexão planejada tanto das nossas práticas políticas e pedagógicas, quanto de nosso pensar e de nosso fazer pedagógico. Este conhecimento, resultante da relação dialética entre teoria e prática, é condição para o aprimoramento do educador e fundamental para o desenvolvimento integral do educando e das políticas públicas de Educação.

4. DIFICULDADES, AVANÇOS E DESAFIOS DA AÇÃO FORMATIVA

As dificuldades, avanços e desafios podem ser enumerados da seguinte forma:

Primeiro quanto ao trabalho educativo em si, vivenciado entre a Escola SP e os educadores e os educandos do projeto, e segundo, quanto às parcerias estabelecidas e a busca de articulação entre os temas tratados.

Quanto ao trabalho educativo podemos dizer que as atividades propostas, de acordo com relato dos educadores, enfrentaram no início algumas resistências por parte dos educandos que, no entanto, foram sofrendo modificações durante o percurso. A busca do perfil, a construção da identidade do grupo, bem como o trabalho coletivo proposto, ajudou no processo de superação dos obstáculos iniciais.

Quanto às parcerias estabelecidas no projeto, as dificuldades não foram poucas, uma vez que, a busca pela integração entre as dimensões técnica, propedêutica e cidadã não puderam ser vivenciadas na prática educativa dos educadores envolvidos no projeto. Podemos dizer que, o que se conseguiu alcançar

foi o esforço, a partir da formação de formadores, de buscar trazer no contato com os educandos assuntos/temas discutidos nos outros espaços (técnico) que pudessem ser refletidos no curso realizado pela Escola/SP (trabalho e cidadania). Ou seja, não houve espaço de discussão entre as áreas (técnica e cidadã) envolvidas no projeto.

Para finalizar, cabe ressaltar que, houve também algumas dificuldades na relação cotidiana entre os parceiros do projeto. Dificuldades estas que expressam as diferentes concepções dos sujeitos. Como exemplo, podemos citar, por parte de alguns parceiros, a delimitação dos espaços de formação, reproduzindo ainda práticas tradicionais e autoritárias na relação com os educandos. O que expressou o contraditório com o que se vivenciava nas aulas de trabalho e cidadania, impulsionando os alunos a reconhecerem o conflito e a quererem atuar sobre ele. Algo que pode ser visto como uma dificuldade no campo das relações entre os parceiros, mas também como um avanço e desafio na vivência realizada, o que a nosso ver parecia ser mesmo a proposta do projeto.

A partir dessas reflexões, no desenvolvimento da formação de formadores, foi realizada a sistematização do percurso formativo, vivenciado em cada localidade.

O processo de sistematização dos Educadores de Araçariguama – SP

Texto dos educadores – Araçariguama

Emerson Ribeiro

Mauro Lima de Paula

Priscila Lopes Gallina

TEMÁTICAS: CULTURA, TRABALHO E CIDADANIA

Tema: Cultura

O Projeto Planseq de Araçariguama foi desenvolvido com o Módulo básico: Cultura, Trabalho e Cidadania. Vou destacar aqui o tema Cultura e sua relação com outras temáticas.

A cultura foi concebida como sendo tudo o que é feito pelos homens, ou resulta do trabalho, e de seus pensamentos; e também, como sendo "todo um modo de vida". A maneira de compreender a cultura voltada somente ao trabalho intelectual e às belas artes provocou em nossa sociedade em que vivemos uma grande separação entre os que possuem cultura e os que não possuem, ou seja, os "cultos" e os "incultos". Mas essa concepção perde sentido quando aprofundamos nossa compreensão sobre cultura e natureza ou cultura e história.

Nós humanos somos considerados seres naturais, embora diferentes dos animais e das plantas. A nossa natureza, porém, não pode ser deixada por conta própria, porque tenderá a ser agressiva, destrutiva, precisando por isso ser educada, cultivada de acordo com os ideais de nossa sociedade. A cultura é a segunda natureza, que a educação e os costumes acrescentam à primeira natureza, isto é, uma natureza adquirida, que melhora, aperfeiçoa e desenvolve a natureza de cada ser humano.

Os conceitos de homem, natureza e cultura, podem ser por vezes, banalizados e utilizados de diversas formas e muitas vezes esta utilização é geradora dos mais variados preconceitos e ideologias. Por exemplo: "Paulo é mais culto que seu amigo", "são muitas as culturas humanas, mas poucas as desenvolvidas". Na primeira frase, a cultura está relacionada à idéia de escolaridade

e de refinamento: quanto maior a escolaridade, mais livros leu, maior a cultura do indivíduo. Na segunda frase percebemos a menção de um preconceito, não apenas cultural, somam-se preconceitos de classe, de raça, de sexo, de idade e etc. As mais diferentes sociedades possuem sua cultura, com diferentes significados e valores e que sem dúvida devem ser respeitados.

Outra frase muito interessante que cita as duas expressões natureza e cultura de maneira inadequada é: “A cultura do índio é mais natural do que a do branco”. É imprescindível esclarecer que nenhuma cultura é natural, que natureza e cultura são conceitos que se opõem. O que é natural não é cultural e o que é cultural não é natural. Nenhuma cultura é mais ou menos, superior ou inferior à outra, são apenas culturas diferentes.

A separação entre cultura e natureza fica clara aos educandos ao discutirmos a temática com o apoio do filme “A guerra do fogo” e os textos “As meninas-lobo” e “A primeira aventura de Tarzan”, fazendo assim a relação entre eles. O texto sobre Tarzan é apenas e tão somente uma lenda, portanto, não é natural Tarzan ter aprendido a escrever, ler e usar instrumentos. Tornar-se humano não é, portanto, um processo natural. As tribos do filme “A guerra do fogo” passam por processos de descobertas e mudanças constantes, ou seja, um aprende com o outro, “troca de cultura”, o fogo significava sobrevivência e poder. No texto “As meninas-lobo”, vimos que elas jamais foram lobas, mais não se tornaram humanas sem dispor da sociedade, do processo de convívio com outros seres humanos. Compreendendo cultura como todo um modo de vida e como sendo expressão de qualquer atividade humana, descobrimos então que somos todos criadores e capazes de intervir na natureza. Enquanto ser cultural é o homem o único capaz de transformar a natureza.

Tema: Trabalho

Ocorre que para a sistematização do tema trabalho, recorre lembrar que no período dos meses de março a agosto de 2006 foi ministrado um curso com o tema CULTURA, TRABALHO E CIDADANIA, na cidade de Araçariguama/SP.

Nesse curso os educandos tinham nível do ensino médio e universitário, porém o curso visava a inserção destes no mercado de trabalho.

Cabe neste texto a sistematização do **Tema Trabalho** e como este foi abordada durante quatro aulas num total de dezesseis horas cada turma (lembramos que nesse período de março a agosto foram quatro turmas, manhã e tarde cada uma com 16 horas trabalhadas.)

As estratégias abordadas durante as aulas foram trabalhadas das seguintes maneiras:

- Quando não, fizemos o uso de grupo de 5 pessoas totalizando 6 grupos.
- Vídeo: “o mundo do trabalho” e “Linha de Montagem”. Estes vídeos abordaram como o trabalho aparece na sociedade o uso dos termos Profissão e Emprego, Alienação e o Fordismo, o Taylorismo e o Toyotismo, e como a sociedade incorporou no seu dia-dia esses conceitos, assim, como o aparecimento dos sindicatos, e o que este representou e contribuiu para o fortalecimento das leis trabalhistas e condições de trabalho nas fábricas, etc.
- Música “Construção de Chico Buarque”
- Texto para os educandos (textos: “A empregabilidade”, “O retorno de José: uma história brasileira”, “Eu, Etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade, “Algumas explicações sobre o desemprego” de José Dari Krein, “ A inserção do Brasil no mercado internacional “ de Marilane Teixeira, entre outros que abordaram o significado da palavra trabalho).
- Aula expositiva: esta foi desenvolvida pelo professor, relacionando a fala dos educandos e instigando ao conhecimento do tema proposto Trabalho; como este surge e se desenvolve na sociedade, assim como se faz o uso dos termos Trabalho, Profissão e Emprego; qual a diferenciação entre eles e quando deve ser usado. O professor buscou desconstruir os conceitos que os alunos tinham, para que eles construíssem novos significados.

Para a construção dessas aulas foi necessária a utilização de uma bibliografia que atendesse os fins propostos pelo tema, em linhas gerais, exponho o desenvolvimento operado pelo sistema Fordista de produção e o Toyotista de produção e como estes interferiram na sociedade, brasileira e mundial.

FORDISMO

O processo de desenvolvimento mecânico desde as revoluções industriais

vem se aperfeiçoando com as descobertas de novas técnicas e tecnologias, impulsionadas pelo desenvolvimento do capitalismo e sua forma de sociedade, preconizada no consumo e marcando assim a individualização do Homem.

Os métodos de organização FORDISTA da produção no início do século XX fez-se necessário para organizar a produção assim como o operariado, baseando-se no que ficou conhecido como linha de montagem ou produção em série.

A grande indústria de automóvel e autopeças dos Estados Unidos e Europa passou pela inovação fordista de produção, onde o trabalhador desenvolve atividades autômatas, maquinais, que exigem altos dispêndios físicos; trata-se de um trabalho coisificante, repetitivo, “gorila adestrado” (Taylor).

Para o fordismo ganhar a vida, premissas externas à fábrica também são necessários, os métodos de trabalho que a racionalização fordista exige também depende da ontologia dos trabalhadores: estes têm de conservar um estado físico e psicológico que não embarque o processo produtivo, têm de fazer do uso dos salários para manterem-se em condições de trabalho. Na realidade o que Ford propunha era uma sociedade baseada no consumo de massa e para isso, deveria haver condições para tal.

A linha de montagem automática facilitaria o aumento da produtividade, do lazer e conseqüentemente o consumo, “O que havia de especial em Ford (e que, em última análise, distingue o fordismo do taylorismo) era a sua visão, seu reconhecimento explícito de que a produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução do trabalho, uma nova política de controle e gerencia do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista” (Harvey).

Como aponta Gramsci um efeito importante: na sociedade, passa a existir um descompasso entre a moral dos trabalhadores (apregoadada também pela psicanálise, um dos instrumentos de coerção moral e de paliativo aos problemas do trabalho no fordismo) e a dos estratos mais altos da população: aqueles vivem uma coerção moral no sentido de estabelecer um “puritanismo”, estes têm uma permissividade maior. O descompasso pode inclusive cristalizar os grupos sociais em um sentido moral, os trabalhadores têm sua moral e os estratos mais altos tem outra; ambas se excluem e são validas apenas dentro do seu estrato social peculiar.

O Brasil neste contexto fordista de produção com uma industrialização

precoce no que tange a tecnologia vive o seu processo de fordização a partir da década de 60, quando as grandes montadoras chegam ao país e assim, há uma mudança das bases sociais devido a uma nova divisão de trabalho imposta pelas indústrias de ponta no Brasil. Esse novo trabalhador desqualificado para a função por desconhecer o processo de produção, porém com a vontade imensa de participar de salários que o faz um novo integrante de um novo estrato da sociedade e com status de alguém importante na sociedade. Porém, o leva a uma submissão e ao mesmo tempo ao conhecimento de uma especialização dentro da empresa, que se faz necessário obter para sobrevivência do cargo o qual ocupa. Esse aprendizado lhe é passado dentro da empresa o qual muitas vezes de funcionário para funcionário, devido o processo ser autômato, mecânico e, em série o qual facilita a transmissão de informações.

No entanto com o avanço das estruturas corporativas industriais e sindicais no Brasil ao longo das décadas de 70 e 80, as novas indústrias, assim, como as organizações como FIESP, passaram a investir na produção de conhecimento de mão de obra jovem, em escolas financiadas (SENAI, criado em 1942) para suprir a falta de escolarização de ensino fundamental assim, como conhecimentos técnicos para operar máquinas que exigiam um conhecimento especializado. Pois, faz-se necessário esses investimentos devido ao avanço tecnológico que o capital concorrente mundial impunha e impõe no mundo.

O operário brasileiro neste contexto tende a ser diferente do operariado americano, no que diz respeito ao fordismo e seu modo de produção, pois, a produção no modelo fordista intensificada no Brasil nos anos 80, conviveu com o final de ditadura e com o surgimento do novo sindicalismo. Nesse período, os trabalhadores lutavam por melhores condições de trabalho e salários “a questão dos salários nas indústrias Ford americana exige uma discriminação, uma qualificação, dos seus operários, que as outras indústrias ainda não requerem”. Portanto, quando as categorias do fordismo são incorporadas por outros países, ocorre uma adaptação dialética: um país tem seus “fatos sociais” americanizados e, concomitantemente, o americanismo adapta-se aos “fatos sociais” locais (Gramsci).

Assim, o Brasil e, dentro e fora das fábricas, estende-se até as suas casas, as ruas, do trabalho até as relações cotidianas, de um modo de sociedade, de autômatos, de máquinas para máquinas, onde a acumulação capitalista está na

ordem do dia, o operário se faz individualizado e materializado é, o modelo fordista de dominação durante toda a década de 80. A especialização é o ganha pão nas mãos dos trabalhadores, o material e os sentimentos se materializam, mesmo que a alienação do trabalhador não lhe permita observar por si mesmo, está contido no consumo de novos produtos, ou seja, no consumo de massa.

TOYOTISMO

Enquanto os E.U.A e a Europa (e os principais centros industriais) incorporavam o modelo japonês de produção “Toyotismo” a partir da mundialização do capital nos anos 80, no Japão surgirá nos anos 50, mas só a partir da crise capitalista dos anos 70 começa a ser “traduzido” como uma nova ideologia orgânica da produção de mercadorias surgindo como “modelo japonês” (Alves).

As indústrias têxteis do Japão foi a que abriu caminho para o grande salto econômico depois da 2ª guerra mundial, pois os japoneses incorporaram todas as formas de tecnologias, assim como, suas usinas foram sucateadas sendo bancadas pelo Estado e outras, devido o planejamento de suas corporações. Com a toyotização, o Japão passou ser o grande concorrente atendendo não só o mercado interno, como passou a exportar; o maior comprador de seus produtos era os Estados Unidos; as empresas encontravam-se no método fordista de produção.

Porém esclarecemos que o método toyotista é diferente do método fordista onde este teve a incumbência de ser não só um método do processo produtivo, mas sim como de sociedade levada e apregoada no individualismo do Homem.

Os métodos do toyotismo possibilitam ganhos importantes em relação aos tayloristas/fordistas. Economistas americanos chamaram de produção enxuta, posto que ele utiliza, da racionalização máxima do trabalho e da produção: “utiliza menos da metade do trabalho na fábrica, metade do trabalho no escritório, metade do espaço, metade de tempo” (Balestri).

As principais inovações em matéria de organização de trabalho são as seguintes:

- As distâncias e as escalas hierárquicas são reduzidas (pelas regras e níveis salariais, bem entendidos);

- A gestão de qualidade total permite os trabalhadores apresentarem suas sugestões (utiliza-se o seu cérebro e não somente as suas mãos);
- A hierarquia intermediária efetua tarefas de produção;
- A organização do trabalho é coletiva e repousa na polivalência dos trabalhadores assalariados;
- A flexibilidade não é mais assegurada pelos estoques de matérias-primas ou de produtos acabados, mas pelos próprios trabalhadores (é o tempo exato) etc.

Portanto, o toyotismo surge de um mercado pobre japonês para se tornar um grande concorrente dos mercados mundializados, o seu desenvolvimento se deu na crise do capitalismo que constitui como o novo padrão de gestão da produção de mercadoria.

No Brasil o método de organização da produção durante as décadas de 70 e 80 foi o fordismo, pois nessa época os grandes centros industriais como os Estados Unidos e uma boa parte dos países Europeus, estavam iniciando devido à crise capitalista um sistema que não era novo, o toyotismo criado pelo japonês Taichi Ohno. O Brasil vem por em prática o toyotismo com mais de dez anos de atraso. A partir da década de 90, algumas empresas estabelecem o toyotismo para vencerem a concorrência que o próprio governo brasileiro, forçado pelo capital estrangeiro, abre o país para uma política neoliberal. As indústrias tiveram que adequar os seus métodos de produção e enxugar o quadro funcional. As empresas que eram dirigidas por um quadro hierárquico e de funcionários grande, vem-se reduzida e, melhor, sem deixar de crescer tanto em dimensões como em produção. As instalações passaram a ser aperfeiçoadas e modernizadas. As estruturas sociais dentro da empresa passaram a ser melhor gestadas, a atenção aos índices de acidentes dia a dia dialogadas, o deslocamento interno melhorado; essas eram na época algumas mudanças nas estruturas físicas.

Contudo, a organização do trabalho que no sistema fordista era especializado no toyotismo, a meninas dos olhos, para gerar um aumento dos lucros e poder participar da concorrência interna e externa, estava na **polivalência** da mão de obra. O trabalhador se viu diante de uma mudança não só social dentro da empresa, mas psicológica, porque muitos trabalhadores com uma idade avançada tiveram que

voltar a estudar. Os trabalhadores tiveram que freqüentar o banco escolar. Para adquirir aperfeiçoamento técnico que não condizia com o contrato da carteira assinada (ajudantes e mecânicos de manutenção passaram a freqüentar cursos de elétrica) tornando-se assim eletromecânicos (operadores de máquinas, passaram a freqüentar cursos de hidráulica, pneumática, preparadores e qualidade) passando a exercer então mais de três funções sem aumento de salário, essa era uma das formas para a busca de uma qualidade total, que é pregada pelos mercados industriais de tecnologia.

A adoção do sistema toyotista nas indústrias brasileiras e sua eficácia fora do Japão tem permitido observar que não depende exclusivamente da cultura japonesa, a produtividade e a qualidade atingiram níveis idênticos das indústrias instalada no Japão e na Europa e especialmente a Alemanha.

CONCLUSÃO

Como podemos observar as mudanças do sistema fordista para o toyotismo de organização da produção, foi de vital importância para compreendermos as novas estruturas tanto da produção como da sociedade que atreladas a um sistema autômato, maquinal objetivo, se vê dentro de um novo ciclo produtivo e de divisão de trabalho social.

Enquanto o fordismo trabalha para a individualização do homem no sistema produtivo e do consumo de massa, o toyotismo trabalha para a organização do sistema produtivo e da mão de obra polivalente, apostando assim , na retirada total da energia motora e racional do Homem.

BIBLIOGRAFIA

Alves, A: A leitura Gramsciana do fordismo e do americanismo: A hegemonia nasce na (e da) Fábrica. Disponível em:

< <http://www.consciência.org/contemporanea/gramscianderson.htm>> acesso em 30 de DEZ. 2002.

Alves, G. “Trabalho e Mundialização do capital – A Nova Degradação do Trabalho na Era da Globalização”, ed., Práxis, 1999.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando, introdução à Filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

Balestri, B. Os métodos de organização da produção: uma reforma da divisão capitalista do trabalho como saída da crise. Ops, Salvador, v 2, nº 7, p1-32, inverno, 1997.

Harvey. D. Condição Pós-Moderna, São Paulo, ed. Loyola, 1992.

Tema: Cidadania

O Planseq de Araçariguama, com início em março e término em agosto de 2006, teve como eixo central os temas: Cultura, trabalho e cidadania, os quais foram escolhidos por serem pensados como pontos-chave para alcançar os objetivos propostos pelo programa.

Foi com base nessa estrutura temática, elaborada de forma indissociável, ou seja, com os respectivos temas se inter-relacionando, nunca distantes uns dos outros, sempre com a preocupação de não passar a idéia de fragmentação entre eles, que se desenrolaram as 10 aulas que constituíram o curso.

Para o desenvolvimento dos temas Cultura, trabalho e cidadania foram utilizadas várias fontes, tais como escrita (textos, jornais e revistas) e áudio-visual (filmes, documentários e músicas), além de dinâmicas de grupo.

Com relação à temática Cidadania em particular, foi uma experiência ímpar poder ter criado um espaço de discussão acerca desse assunto, especialmente num ano eleitoral, quando pudemos chamar a atenção, evidentemente, para a questão de que devemos exercer nossa cidadania de fato, de forma efetiva e não de direito, só em ano de eleições.

Utilizando como linha de pensamento do texto da socióloga Débora Felgueiras, procuramos, num primeiro momento, conhecer a concepção dos alunos sobre o tema, levantando algumas questões como: quais seriam as formas de exercê-la? Quais são seus princípios básicos? Mais tarde, junto com os mesmos, com base nas diversas leituras e discussões, foi possível desmistificar, questionar e contextualizar os diferentes momentos do processo de construção da cidadania no mundo, e em particular no Brasil. Com o apoio de outros textos, como o do sociólogo Herbert de Souza, por exemplo, chamamos a atenção para a questão da participação e da coletividade, princípios básicos para que haja um efetivo exercício da cidadania.

No decorrer das três aulas do tema cidadania, concluímos que foi muito relevante a participação dos alunos, visto que a cada aula, estes se interessavam mais, questionando e interagindo com o grupo, visualizando, na prática a importância da idéia tão mencionada da participação coletiva para se alcançar um objetivo.

De um modo geral, foi muito satisfatório ter participado do Planseq de Araçariguama o qual, a meu ver, desempenhou um papel muito importante na vida pessoal e profissional dos participantes. Penso que esse resultado está fundamentalmente relacionado a três fatores:

- Ao comprometimento e entrosamento da equipe de formadores (coordenação e educadores)

- Ao planejamento das atividades a serem desenvolvidas (reuniões de formação em São Paulo e reuniões de planejamento das aulas em Sorocaba)

- À estrutura temática do curso, que proporcionou aos alunos no decorrer deste, reflexões relevantes para promover o desenvolvimento, entre outras coisas, do senso crítico (em detrimento do senso comum) e que pudessem usufruir disso, tanto na sua vida profissional, quanto na sua vida pessoal, no seu dia-a-dia, na sua família, no seu bairro, enfim.

O processo de sistematização dos Educadores de Araraquara – SP

Tema: SEGREGAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Paulo Alexandre da Silva

Adriana Saraiva

Claudemir José dos Santos

A Escola Industrial

A Escola Estadual de 2º grau “Profª. Anna de Oliveira Ferraz”, de ensino profissionalizante, criada em 23 de fevereiro de 1948, acha-se instalada no centro da cidade de Araraquara, à Avenida Bandeirantes nº. 503, em uma área de 14.670m² dos quais 6.051 m² construídos.

A Escola Técnica Estadual de 2º Grau “Anna de Oliveira Ferraz” – Industrial, como era anteriormente chamada, foi criada em 23 de fevereiro de 1948 pela Lei Estadual nº. 77, extinguindo o Núcleo de Ensino Profissional que vinha funcionando desde 1934 e encampando a Escola profissional Feminina Municipal, que funcionava juntamente com o Núcleo de Ensino Profissional. Da junção destas duas escolas, nasceu a Escola Industrial, que foi instalada em 22 de julho de 1948, somente funcionando com classes femininas.

Em 1950 ingressa a primeira turma masculina e instala-se o curso de Mecânica de Máquinas.

A equiparação da Escola Industrial às demais escolas secundárias foi efetivada pelo decreto Estadual nº. 32.107, de 21 de janeiro de 1953.

A Lei Estadual nº. 3.904, de 18 de julho atribuiu como Patrono da Escola a Profª. Anna de Oliveira Ferraz, mãe do eminente Ministro Romeu Ferraz, figura representativa na época, que procurou dar todo apoio ao desenvolvimento da escola.

Em 1965, através do Decreto Estadual nº. 44.533, de 18 de fevereiro, passou a denominar-se Ginásio Industrial “Profª. Anna de Oliveira Ferraz”, que marcou época nos anais de nossa cidade através dos desfiles comemorativos ao

aniversário da mesma, concursos e esportes até o ano de 1976, quando passa a denominar-se Centro Estadual Interescolar “Prof^a. Anna de Oliveira Ferraz”. Mesmo passando por várias denominações até a presente data ainda é conhecida carinhosamente por toda sociedade araraquarense e da região como Escola Industrial.

E, em 1980, volta a chamar-se novamente de escola, mas Escola Estadual de 2º grau “Prof^a. Anna de Oliveira Ferraz”. Após grande luta de professores, alunos e comunidade, movimentos com outras escolas, em 1985, o então secretário da educação – Paulo Renato de Souza – transforma a escola e as demais escolas industriais da Rede Oficial de Ensino em Escolas Técnicas de 2º grau.

Entretanto, as Leis e Decretos que incorporaram oficialmente a ETESG “Prof^a. Anna de Oliveira Ferraz” no universo do Ensino Técnico do Brasil não são suficientes para definir a grandeza do ideal que deu origem à criação da escola e nem o trabalho e a luta constante de seus professores pelo desenvolvimento de seus alunos, hoje pessoas de grande representatividade em nossas industriais e em toda comunidade araraquarense e região.

Hoje, a finalidade principal da ETESG “Prof^a. Anna de Oliveira Ferraz” é ministrar o Ensino Técnico Industrial com cursos voltados para as habilitações de mecânica, enfermagem, nutrição e dietética e desenho mecânico.

Segue o quadro de relação candidato vaga para o vestibulinho de 2005 e o lugar que a escola ocupa no ENEM entre as escolas estaduais da cidade (anexo). Esta é a escola, historicamente reconhecida na cidade, onde foram realizados os cursos, talvez esse seja o fator que a tornou elitista e segreadora.

O primeiro dia

Encontramos uma série de dificuldades no primeiro dia de aula. A postura da Escola Industrial logo no primeiro contato com os alunos deixou claro qual era o tratamento que dispensaria a eles no decorrer dos cursos.

A primeira ingerência por parte dos diretores da escola foi da falta da lista com os nomes das pessoas inscritas no curso. Por conta disso alguns alunos ficaram sem aula; podemos somar a essa conseqüência a falta de professores técnicos para ministrar o curso no primeiro dia.

Resolvido o problema do primeiro dia, as aulas continuaram, mas a cada novo dia um novo problema aparecia junto com a verdadeira postura da Escola em relação às pessoas que freqüentavam as aulas. Postura esta de discriminação, maquiada no discurso da direção, mas evidente nas suas atitudes. O que preocupava mais a direção da escola era a classe social a que pertenciam as pessoas que participariam dos cursos. Em algumas reuniões prévias deixaram escapar que "esse tipo de gente" seria um perigo para reputação da escola, pois lá era um lugar diferenciado com pessoas que enfrentaram uma concorrência duríssima no exame admissional, portanto, superiores às demais.

Nesse cenário iniciou-se o Planseq - Araraquara, um espaço de disputa e tensões que abriu a possibilidade de pessoas, que até então estavam à margem do processo de construção da cidadania, participarem.

Prédio destinado aos cursos:

No dia da apresentação dos cursos, o Diretor da escola Industrial, Prof. Vicente, recebeu os alunos deixando claro que daquele momento até o término do curso eles estavam fazendo parte da escola como alunos, mas os horários dos cursos e dos intervalos tinham sido pensados para que eles não se encontrassem com os alunos regularmente matriculados.

Nas primeiras semanas este horário foi respeitado, mas diante de alguns contratempos relacionados com o não fornecimento da "merenda escolar" os alunos dos cursos do PLANSEQ se organizaram de uma forma que eles pudessem se beneficiar da merenda dos alunos regulares, mudando assim os horários pré-estabelecidos pela direção da escola.

Os alunos tiveram a ajuda dos funcionários que depois do impacto da presença de quase 600 pessoas estranhas ao convívio diário mudaram o modo de olhar estes "alunos novos".

As refeições

Na Escola Industrial, como é conhecida na cidade a ETE Prof^a Anna de Oliveira Ferraz, é servida aos alunos uma refeição durante o período de aula que, por sua vez, é subsidiada pela Prefeitura Municipal. Essa situação se tornou causa de conflito.

Segundo o discurso da direção da escola, os alunos do Planseq também eram alunos da Escola Industrial gerando assim uma expectativa de que os mesmos direitos seriam conferidos a eles. A tensão iniciou-se quando os alunos - Planseq reivindicaram a mesma alimentação que os outros recebiam essa lhes foi negada. Eles começaram a perceber que a prática era diferente do discurso e que na verdade não eram considerados iguais aos outros alunos.

Conflito instalado iniciaram os protestos um tanto quanto desorganizados e agressivos, mas que deixavam evidente o descontentamento dos alunos do Planseq quanto ao tratamento recebido por parte da escola. A direção da Escola Industrial ao perceber as manifestações utilizaram-nas como comprovação de seu discurso segregador.

A situação serviu como fato gerador e foi utilizada nas aulas, também permitiu que os alunos despertassem para uma realidade que o cercava e a necessidade de estabelecer uma certa organização social para conquista de um espaço público.

Prédio destinado aos cursos

No dia da apresentação dos cursos pelo Diretor da escola Industrial, Prof. Vicente, recebeu os alunos deixando claro que daquele momento até o término do curso eles estavam fazendo parte da escola como alunos, mas os horários dos cursos e dos intervalos tinham sido pensados para que eles não se encontrassem com os alunos regularmente matriculados.

Nas primeiras semanas este horário foi respeitado, mas diante de alguns contratempos relacionados com o não fornecimento da “merenda escolar” os alunos dos cursos do PLANSEQ se organizaram de uma forma que eles pudessem se beneficiar da merenda dos alunos regulares, mudando assim os horários pré-estabelecidos pela direção da escola.

Os alunos tiveram a ajuda dos funcionários que depois do impacto da presença de quase 600 pessoas estranhas ao convívio diário mudaram o modo de olhar estes “alunos novos”.

A mudança de prédio

Passado o problema da falta da “merenda”, tínhamos a questão do prédio destinado aos cursos (vide fotos anexa). As aulas estavam sendo ministradas

somente no prédio 02 da unidade escolar, prédio este onde são ministradas as aulas dos cursos técnicos da escola, mas diante da impossibilidade do uso da videoteca, nós educadores estávamos às vezes sem poder usar deste recurso, pois esta videoteca é de uso de todos os professores, tomando este argumento recorremos aos funcionários responsáveis pelo agendamento das salas de vídeos e verificamos se podíamos usar uma outra sala de vídeo que não fosse a do prédio 02. Nos foi dado como alternativa uma sala de aula-video no prédio 01 prédio este onde são ministradas as aulas do ensino médio, prédio reformado há pouco, com carteiras novas, sem rachaduras nas paredes, quadro negro novo e ventiladores silenciosos.

No dia marcado para o uso da sala no prédio 01, estávamos nos dirigindo a ela quando um dos alunos ironicamente disse – “Fomos promovidos cara”, outras vezes que usamos esta mesma sala surgia um comentário sobre estarem usando um espaço sabido anteriormente que não se destinava a eles

Os educadores como esclarecedores do processo

No decorrer do curso foram surgindo algumas dúvidas com relação a alguns benefícios que foram prometidos e não estavam sendo repassados, depois de contornado os problemas da “merenda”, ficamos com o não fornecimento dos passes para o uso do transporte gratuito benefício este importante, pois estes cursos estavam sendo ofertados a pessoas desempregadas e a procura do primeiro emprego, portanto sem recursos para se deslocarem de suas residências até o local das aulas.

Os alunos no dia das aulas de Cultura, trabalho e cidadania colocavam o problema de não terem conseguido o cartão de passes e o que nós professores de cidadania podíamos fazer por eles e com relação a este fato. Pedi para que eles relatassem o que estava fazendo para resolverem este “problema”:

Cada um, a sua maneira e sozinho, estava se encaminhando aos locais indicados por cada um dos responsáveis pelo curso. A escola, indagada de como proceder para conseguirem este benefício, os encaminhou ao PAT e este os encaminhava a companhia de transporte da cidade (CTA), que encaminhava ao fundo social de solidariedade e este os encaminhava a Prefeitura, que os encaminhava de volta para a escola. Cansados deste vai e vem os alunos estava abandonando os cursos onde ocorreu uma evasão muito grande, depois deste relato

todo, perguntamos o que eles achavam que estavam fazendo de errado demos um tempo para refletirem daí começaram as respostas.

Resumindo, chegaram à conclusão de que se continuassem a ir atrás cada um por si não iriam conseguir nada. Formaram uma comissão de 10 alunos e se encaminharam até a companhia de ônibus para conversar com o responsável pelo passes dos programas de assistência social da prefeitura, e neste dia obtiveram todos os detalhes para receberem o cartão de passes. Voltaram no dia seguinte a CTA com todos os documentos e foram prontamente atendidos. Na aula seguinte de “Cidadania” comentaram mais um pouco onde estavam errando, e seria nas atitudes tomadas individualmente e não em grupo.

Avanços e diversidades do processo

As diversidades pelas quais passamos foram no decorrer dos meses sendo superadas.

Com relação à “merenda”, no início, os funcionários pediam aos alunos para saírem da fila, só que neste processo os professores começaram a ir tomar a “merenda” com os alunos estes já organizados de uma forma que as merendeiras não os tiravam da fila, no final as merendeiras já estavam informando o que seria servido aos alunos quando perguntadas o que teria de merenda.

A faxineira do prédio 02 começou a limpar as salas mais cedo para que estas estivessem limpas e em ordem para as nossas aulas. No começo chegávamos para dar aula tanto as salas, como o quadro negro, não estavam em ordem.

Com relação à sala de vídeo (videoteca) as funcionárias que fazem o agendamento, depois de um tempo começaram a nos darem alternativas quando a videoteca estava ocupada, e também as nos fornecerem chaves de salas melhores, menos deterioradas.

Conseguimos um armário na sala dos professores para guardarmos os materiais didáticos comum aos 3 educadores, armário este conseguido depois de 1 mês de aula.

Do dia que chegamos à escola até no final dos cursos a relação dos funcionários com os educadores foi mudando, mudou a tal ponto de nos convidarem para ser fiscal de sala no vestibulinho da escola.

Fotos da E.T.E “Anna de Oliveira Ferraz”
Araraquara –SP



E.T.E. “Profa. Anna de Oliveira Ferraz”



E.T.E. “Profa. Anna de Oliveira Ferraz”



ALUNOS DO CURSO DE ELETRICISTA RESIDÊNCIAL



ALUNAS DO CURSO DE COSTURA



ALUNOS FAZENDO ATIVIDADE

| Área Profissional | Habilitação | Período | Inscritos | Vagas | Demanda |
|-------------------------|--------------------------------------|---------|-----------|-------|---------|
| Gestão | Administração | noite | 374 | 80 | 4,68 |
| Gestão | Assessoria Gerenciamento Empresarial | noite | 107 | 40 | 2,68 |
| Gestão | Secretariado | noite | 103 | 40 | 2,58 |
| Indústria | Mecânica | noite | 374 | 80 | 4,68 |
| Informática | Informática | noite | 304 | 40 | 7,6 |
| Informática | Informática | manhã | 115 | 40 | 2,88 |
| Saúde | Enfermagem | noite | 497 | 40 | 12,43 |
| Saúde | Nutrição e Dietética | noite | 209 | 40 | 5,23 |
| Turismo e Hospitalidade | Turismo | noite | 96 | 40 | 2,4 |

VESTIBULINHO 2º SEMESTRE DE 2005

A ETE, Escola Industrial ficou em primeiro lugar entre as escolas públicas da cidade aumentando assim a procura por vagas.

| Cidade | Nome da ETE | Média | Observações |
|------------|-----------------------------|-------|--|
| Araraquara | ETE Anna de Oliveira Ferraz | 62,44 | 1º lugar entre as escolas públicas da cidade |

O PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO NO VALE DO PARAÍBA

O programa de qualificação profissional do setor de petróleo e gás se insere em um projeto mais geral de expansão e modernização das unidades de refinaria da Petrobrás. A entidade responsável pela formulação da demanda de mão de obra qualificada e preparação é o PROMINP (Programa de modernização do setor de petróleo e gás), vinculado ao Ministério de Minas e Energia.

A Petrobrás em 2006 iniciou projetos de modernização em suas unidades. A primeira unidade beneficiada foi a Refinaria Henrique Lage – UM/REVAP, situada no estado de São Paulo na região de São José dos Campos. O projeto de modernização das instalações tinha como objetivos: redução da emissão de poluentes e melhoria da qualidade do ar; produção de combustíveis de mais qualidade; processamento de maior carga de Petróleo Nacional, aumentando a auto-suficiência nacional; processamento de produtos de maior valor e que hoje são importados e adequação à nova legislação e, por fim, programas mundiais de Meio Ambiente.

Neste primeiro momento a avaliação era de que a demanda por mão-de-obra se concentraria basicamente na construção civil, uma vez que consistia em obras de construção/edificação.

Entre os fatores que indicaram a necessidade de desenvolver um programa específico de qualificação profissional era o diagnóstico da Petrobrás de que na região não havia mão-de-obra disponível que atendesse ao requerido nas obras.

O projeto de qualificação profissional envolveu três municípios (São José dos Campos, Jacareí e Caçapava), além disso, o projeto envolvia três modalidades: pedreiro, carpinteiro e armador. Envolvendo 1100 formandos distribuídos entre os três municípios e as três modalidades.

O Senai foi contratado para executar a parte técnica e a Escola Sindical São Paulo para executar a formação para cidadania. A carga horária dos cursos variou entre 180 e 200 horas aulas, sendo que a formação para cidadania corresponde a 20%.

As aulas de cidadania forma desenvolvidas simultaneamente as aulas práticas, ministradas pelo SENAI. Isto permitiu que o curso ficasse mais leve para os alunos e contribuiu para que não houvesse evasão.

No início do projeto, tinha-se muitas dúvidas em relação ao quadro de evasão, uma vez que se tratam de trabalhadores desempregados que poderiam a qualquer momento encontrar um “bico” e abandonar o curso. No entanto, para nossa satisfação, a evasão foi mínima, menos de 10%.

Estruturou-se o programa em torno de cinco módulos: trabalho e cultura; mudanças no mundo do trabalho; cadeia produtiva do setor de petróleo e gás; construção da cidadania e o papel dos sindicatos.

Além disso, produziu-se uma cartilha com o material que seria desenvolvido em sala.

Perfil dos trabalhadores da construção civil da região

Conforme os dados da RAIS de 2005, o total de trabalhadores/as ocupados nos três municípios onde o projeto foi executado era de 6.198. Deste total 61,3% tinham até 8ª série completa. O quadro 1 apresenta a distribuição destes trabalhadores por atividade desempenhada. Como se pode observar quase metade destes estavam empregados em edificações, seja residenciais, industriais ou comerciais e de serviços.

| Quadro 1 | Total de Trabalhadores | |
|---|-------------------------------|-------|
| Demolição e preparação do terreno | 13 | 0,21 |
| Sondagens e fundações destinadas à construção | 48 | 0,77 |
| Grandes movimentações de terra | 100 | 1,61 |
| Edificações (residenciais, industriais, comerciais e de serviços) | 2.832 | 45,69 |
| Obras viárias | 342 | 5,52 |
| Obras de arte especiais | 7 | 0,11 |
| Obras de montagem | 369 | 5,95 |
| Obras de outros tipos | 838 | 13,52 |
| Obras para geração e distribuição de energia elétrica | 38 | 0,61 |
| Obras para telecomunicações | 104 | 1,68 |

| | | |
|---|--------------|------------|
| Instalações elétricas | 537 | 8,66 |
| Instalações de sistemas de ar condicionado, de ventilação | 36 | 0,58 |
| Instalações hidráulicas, sanitárias, de gás e de sistema | 69 | 1,11 |
| Outras obras de instalações | 80 | 1,29 |
| Obras de acabamento | 778 | 12,55 |
| Aluguel de equipamentos de construção e demolição | 7 | 0,11 |
| Total | 6.198 | 100 |

Outro dado importante em relação a estes trabalhadores/as se refere à faixa etária. Aproximadamente 66% dos ocupados têm mais 30 anos, sendo que mais de 33% estão na faixa de 40 a 65 anos.

Embora os dados se refiram aos trabalhadores/as ocupados, mas eles são reveladores do perfil dos/as trabalhadores/as deste setor, uma vez que o público alvo do curso de qualificação destina-se a trabalhadores/as em situação de desemprego.

Portanto estávamos diante de um público alvo de baixa escolaridade e de faixa etária elevada. A pesquisa de perfil aplicada junto aos cursistas confirmou estes dados, trata-se de trabalhadores/as na maioria homens, em situação de desemprego vivendo de bicos, com faixa etária acima de 30 anos e baixa escolaridade.

A seguir são apresentados os resultados desta experiência, conforme sistematização da equipe de formadores.

Sistematização das vivências do Curso de Cidadania no Vale do Paraíba

Educadores:

Aparecido Silva Martins - São José dos Campos

Cleyton Boson - São José dos Campos

Cristiano dos Reis Souza - Caçapava

Agradecemos a todos as pessoas sem as quais esse relatório não poderia ser escrito. Agradecemos a todo o apoio da Escola Sindical São Paulo – CUT e

principalmente àqueles que convivemos nesses últimos meses de forma intensa, mulheres e homens do Vale do Paraíba.

Índice

| | |
|--|-----------|
| Introdução..... | 04 |
| Parte I: O homem..... | 07 |
| Parte II: A terra..... | 10 |
| Parte III: A guerra..... | 15 |
| Preâmbulo..... | 15 |
| O planejamento..... | 15 |
| O cotidiano no campo de vivência..... | 16 |
| A metodologia do curso de cidadania..... | 16 |
| A cultura empresarial..... | 22 |
| As tensões..... | 25 |
| Conclusão..... | 28 |
| A gênese das políticas de qualificação profissional..... | 28 |
| Pensamento <i>paulofreiriano</i> versus qualificação profissional..... | 31 |
| Bibliografia..... | 33 |
| Anexo I (plano de aula)..... | 35 |
| Anexo II (relatório fotográfico)..... | 43 |

Introdução

Discutir cidadania com homens e mulheres que sonham em ser funcionários da construção civil na expansão da Refinaria do Vale do Paraíba (Revap). Muitos deles desempregados há muito tempo, alguns (sobretudo as mulheres) nunca tiveram um emprego regular, e todos imbuídos de uma mesma esperança: conseguirem se qualificar para finalmente escaparem do fantasma do desemprego ou do emprego precário. Este é o desafio que nos foi proposto quando recebemos a proposta da Escola Sindical São Paulo– CUT para sermos educadores de cidadania junto ao Prominp (Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural). O tamanho deste desafio, contudo, só pode ser entendido mais claramente se tomarmos de um candeeiro e trilharmos uma boa estrada para chegarmos ao PNQ (Plano Nacional de Qualificação).

O PNQ é segundo informa o site da Setec³ (Secretaria de Estado de Trabalho, Emprego e Cidadania e Assistência Social), “um dos mecanismos de política Pública de trabalho e Renda no âmbito do FAT (Fundo do Amparo ao Trabalhador)”, que tem como objetivo central “garantir uma oferta de educação profissional permanente que contribua para: reduzir o desemprego e sub-desemprego da população economicamente ativa; inclusão, redução da pobreza e da desigualdade social; elevar a produtividade, a qualidade, a melhoria dos serviços prestados e a competitividade do setor produtivo, reduzindo inclusive os riscos de demissão”.

Este programa tem, logicamente, como público alvo os “grupos vulneráveis (pessoas desocupadas, em risco de desocupação, empreendedores urbanos e rurais, pessoas que trabalham em condições de autônoma, trabalhadoras domésticas, trabalhadores em empresas afetadas por processo de modernização tecnológica, privatização, mulheres chefes de família, índios descendentes, afro descendentes e pessoas acima de 40 anos entre outros)”⁴.

Embora longa, e por vezes enfadonha, esta genealogia é importante para entendermos o tabuleiro sobre o qual deveríamos nos movimentar para realizar nosso trabalho de educador. Seguindo um pouco mais adiante, antes de chegarmos ao Vale do Paraíba, gostaríamos que dessem uma especial atenção à pequenas

³ www.portal.mec.gov.br/setec/ último acesso em 18 de fevereiro de 2007.

⁴ Idem.

estradas vicinais: o Planseq (Plano Setorial de Qualificação), que numa breve explicação podem ser lidos como ramificações setoriais do PNQ. É numa dessas estradas que entramos para chegarmos ao Prominp que, dentro do PNQ, está focado em “qualificar profissionais em funções dos segmentos de engenharia e construção e montagem do setor de petróleo e gás para serem eventualmente contratados por empresas privadas do setor”⁵.

Aqui estamos, então, frente àqueles homens e mulheres e, aos seus olhos, entre eles e seu sonho. O local é o Vale do Paraíba. Mais precisamente as cidades de Caçapava, Jacareí e São José dos Campos. O objetivo: discutir cidadania com os educandos do programa de qualificação profissional para as obras de expansão da Revap. Simples? Nem tanto. O Prominp é financiado pelo FAT e os cursos de qualificação são ministrados, em parceria, por várias instituições. No Vale do Paraíba coube à Escola Sindical São Paulo – CUT o curso de cidadania e os cursos técnicos de pedreiro, carpinteiro e armador de ferro (ou seja, os cursos técnicos para profissionais da construção civil) ficaram a cargo do Senai.

É aí que a história se complica. Ao se colocar no mesmo espaço de vivência duas propostas de educação diametralmente opostas: de um lado a Escola Sindical São Paulo – CUT, com sua concepção *paulofreiriana* do educar em quanto processo libertador ao perceber o educando como sujeito na construção do conhecimento. Do outro lado o Senai com a sua metodologia empresarial que percebe educar como um processo no qual o aluno é moldado às necessidades do mercado, tornando-se, assim, empregável.

O diálogo que tal disposição vai exigir é um desafio imenso para todos os envolvidos e vai revelar o hiato vigoroso entre as duas propostas, e gerar uma tensão extremamente complexa em uma pessoa que ao se compreender enquanto sujeito histórico, vê na disciplina acachapante, hostil a qualquer ação libertadora, o caminho ladrilhado para um emprego mais estável. Daí, questões importantes nos tomaram de assalto: qual a real face da qualificação profissional? Qualificar quem? Por quê? Para quem? E para que? Estas questões propuseram uma reflexão mais ampla: o que é educação? Qual o papel do educador?

O texto que se segue é uma tentativa de refletir sobre as vivências e observações que fizemos ao longo deste trabalho. Tais reflexões e o direcionamento

⁵ www.prominp.com.br. Último acesso em 18 de fevereiro de 2007.

de nossas observações tiveram como fonte a nossa trajetória pessoal, acadêmica e profissional que sempre estiveram, direta ou indiretamente, ligadas a uma concepção mais progressista de construção do saber. Além disso, foram de fundamental contribuição as oficinas de FF (Formação de Formadores) desenvolvidas no período de junho a julho de 2006 na Escola Sindical São Paulo – CUT.

Estas oficinas permitiram um espaço privilegiado para a construção da identidade coletiva dos sujeitos participantes (o grupo que trabalharia diretamente nas escolas do Vale do Paraíba e também dos demais educadores e coordenadores da Escola Sindical São Paulo - CUT). As dinâmicas e discussões promoveram, naqueles envolvidos (coordenadores pedagógicos e educadores recém contratados), uma interação de diferentes matizes de personalidades e ao mesmo tempo um conhecimento e reconhecimento de perspectivas comuns a todos. Além do que seria o projeto do qual faríamos parte e sua inserção no campo da qualificação profissional. Isso não só possibilitou nos interarmos do jogo político em torno das disputas no plano da formação integral dos trabalhadores – perceber mais detidamente as disputas de projetos de sociedade presente na qualificação profissional – mas também reconhecer e vislumbrar de forma mais apropriada os limites do nosso trabalho, para que pudéssemos superá-los.

Escrever, e mais do que isso, transportar para a forma escrita os registros e impressões que colecionamos na nossa prática de educador, não é uma tarefa fácil. Portanto, pegamos emprestado, o que já é uma ousadia muito grande, o método que Euclídes da Cunha utilizou para realizar o seu “Os Sertões”⁶. Euclídes da Cunha, para denunciar, o que ele chamaria na introdução de seu trabalho de “um refluxo para o passado”⁷, dividiu seu trabalho em três partes introdutórias fundamentais: “a terra”, onde minuciosamente descreve o espaço físico onde se deu a Guerra de Canudos; “o homem”, onde com não menos minúcias descreve os sujeitos que participaram da Guerra; e “a luta”, momento em que ele descreve a interação dos dois elementos iniciais. As outras mais de trezentas páginas do livro são os desdobramentos desta interação (ou seja, são os desdobramentos da luta).

⁶ CUNHA, Euclides da, (2000). *Os sertões: a campanha de Canudos*, 39ª Edição, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, Publifolha – (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

⁷ Idem, p. 02.

Nosso exercício lançou desavergonhadamente, mão deste recurso⁸: primeiramente descrevemos os sujeitos do processo (educandos, educadores dentre outros); depois o espaço físico onde o trabalho se deu; e só então nos debruçamos sobre as interações entre sujeitos e espaços⁹.

Terminamos o texto com uma conclusão e alguns apontamentos diante de toda a vivência que conseguimos apreender nestes sete meses de trabalho. Mas uma das conclusões é a mesma a que chegou Euclídes da Cunha em 1897 quando “acompanhando a celeridade de uma marcha militar”¹⁰, deu “de frente, numa volta do sertão, com aqueles desconhecidos singulares, que ali estão – abandonados – há três séculos”¹¹. E esta conclusão pode e deve ser apresentada aqui mesmo na introdução: o sertanejo (e no nosso caso o trabalhador) é, antes de tudo, um forte.

⁸ É importante frisar que fizemos uso do método (ferramenta) de escrita que Euclídes da Cunha utilizou em “Os Sertões”, a saber: a descrição reflexiva das vivências. Contudo, embora o exercício seja semelhante, nossas reflexões partem de um referencial teórico completamente distinto.

⁹ Embora o texto se debruce sobre os acontecimentos de São José dos Campos, Jacareí e Caçapava, nos concentramos de forma mais intensa sobre São José dos Campos, por ser esta cidade, do ponto de vista político e econômico, definidora dos rumos das outras duas. Bem, como pelas realidades bastante semelhantes, as discrepâncias serão apresentadas em notas ao longo do texto.

¹⁰ CUNHA, Euclídes da, (2000). *Os sertões: a campanha de Canudos*, 39ª Edição, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, Publifolha – (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro), p.97.

¹¹ Idem, ibdem.

Parte I: O homem

Como é esse homem que lidamos (característica física)?

De onde ele vem ou veio (localidade, cultural)?

O que ele faz (estratégias de sobrevivência)?

O que ele pensa e como vive?

Perfis dos parceiros (SENAI, REVAP, PREFEITURA)?

Se fossemos traçar um perfil bastante objetivo dos educandos com quem trabalhamos poderíamos dizer que ele é homem, entre 25 e 45 anos, mestiço, com baixa escolaridade, casado, com filhos (entre 2 e 4) e desempregado. Mas estes dados frios não conseguiriam abraçar a realidade com que lidamos no cotidiano. As mulheres, embora minoria têm importante participação no curso (sobretudo nas áreas de carpintaria e armação de ferro). E como a distribuição das classes (pessoas por salas de aula) não obedece, aparentemente, a nenhum padrão além da data em que as pessoas fazem a inscrição, em algumas delas as mulheres são maioria (a exceção nas salas de pedreiro, onde invariavelmente os homens são maioria absoluta).

Entre as mulheres a idade cai para, predominantemente, entre 20 e 40 anos, a escolaridade é um pouco maior (grande parte delas possuem ao menos a sétima série), são ou foram casadas, possuem filhos e normalmente tiveram a primeira gestação antes dos 20 anos, não possuem nenhuma experiência profissional a qual possam chamar de profissão. Boa parte experimenta pela primeira vez um espaço público de relação social onde se enxergam como sujeito ativo, isto em muitos casos provoca “crises” no seu relacionamento com os respectivos companheiros, junto a quem se portam, mesmo aquelas que afirmam que não, de maneira submissa. Geralmente mestiça e invariavelmente desempregada ou em situação de emprego altamente precária.

Estes homens e mulheres em sua imensa maioria possuem baixa escolaridade (até o primeiro grau completo), contudo, não é desprezível o número de educandos com segundo grau completo e que já experimentaram, ou experimentam, o projeto de se lançar à universidade.

A maioria arrasadora mora na periferia de São José dos Campos: uma cidade com mais de 500 mil habitantes e que possui uma periferia imensa e um centro (ou o que podemos chamar de bairros centrais) extremamente diminuto. Portanto, necessitam de transporte coletivo para resolver problemas cotidianos: bancos e demais serviços públicos são distribuídos de maneira bastante desorganizada na cidade e sua periferia é extremamente prejudicada pela ausência destes serviços e pelo transporte coletivo caro: R\$ 1,90 em uma cidade de porte médio, sobretudo para os padrões paulistas. Esta situação torna-se ainda mais difícil para quem vive de “bicos”, realidade enfrentada, pela esmagadora maioria dos educandos, sobretudo quando se têm que conquistá-lo “à unha” “flanando”, para usar um termo menos cruel, diariamente pela cidade à procura de placas com os dizeres: “Precisa-se”.

Para estas pessoas o curso de um mês e carga horária de 8 horas de aula por dia é uma esperança, mas antes disso um desafio enorme, pois irá impedi-lo de conseguir qualquer tipo de rendimento durante 30 dias. Portanto, como explicam quase todos quando concluem o trabalho, “só com muita fé em Deus é que eu consegui fazer esse curso”. A fé, aliás, é mola propulsora ou anteparo, para quase tudo o que fazem na vida. Daí o fato de a grande maioria ser extremamente religiosa, numa observação bem ligeira, predominam o pentecostalismo e a ala mais conservadora do catolicismo. Acreditam, pois, no trabalho e no esforço individual com a única maneira de se conseguir tranqüilidade material e na “premiação” dos que assim se comportam sem reclamar. Acreditam, por conseqüência, que toda propriedade privada é fruto de muito “suor do rosto” (e que, portanto, não devem ser tocadas) e que o sujeito que não consegue nada na vida é por que: não quer trabalhar, não quer estudar ou não sabe gerenciar seus ganhos. Vitórias e derrotas somente são explicadas a partir do indivíduo.

Até agora, no entanto, somente nos referimos aos educandos. Mas a descrição dos homens e mulheres, que constroem o espaço de vivência onde o curso de cidadania acontece, não deve ficar limitada ao espaço dos educandos. Este espaço de relações também é habitado por educadores e assistentes sociais. Ambos se dividem em dois grupos: os educadores ligados à Escola Sindical São Paulo – CUT e os ligados ao Senai. As assistentes sociais ligadas à Revap e as ligadas à Prefeitura de São José dos Campos. Passemos á descrição dos educadores.

A Escola Sindical – CUT conta com dois educadores¹², ambos na casa dos 30 anos, pós-graduados, com boa experiência em educação social e popular e originários das camadas populares da sociedade brasileira. Essa origem e trajetória formaram sujeitos inclinados ao método *paulofreiriano* de educar. Portanto, tentam desenvolver em seu trabalho uma educação postada na libertação do sujeito ao compreender o processo histórico em que está inserido e posicionar-se ativamente frente a ele. Estes dividem o “status” de professor com os educadores do SENAI (que prefere que seus funcionários sejam chamados de instrutores). Os instrutores são ao todo nove pessoas: 6 homens e 3 mulheres. Responsáveis pelos cursos de pedreiro, carpinteiro, armador de ferro, matemática e segurança saúde e meio-ambiente (SMS). Os homens possuem entre 25 e 61 anos e nenhum deles possui curso superior, todos eram trabalhadores da construção civil que conseguiram por intermédio de cursos e seleção promovidos pelo próprio SENAI alçarem (e é dessa forma que eles vêem sua posição) o posto de instrutor da instituição. Quanto às mulheres, todas lecionam SMS e estão entre os 25 e os 31 anos. Uma tem formação superior em enfermagem e outra em arquitetura, uma delas apenas fez curso técnico em segurança. Ao contrário dos homens que invariavelmente vieram das camadas de baixo poder aquisitivo, as mulheres são, todas, filhas da classe média. Independente de origem ou escolaridade, estes homens e mulheres acreditam que a educação tem a única e última finalidade de adequar aquele que estuda ao mercado de trabalho. Sendo, assim, entusiastas da hierarquização e disciplina como ferramenta eficiente no ofício de ensinar.

Algumas vezes por semana é certa a visita das assistentes sociais ao espaço de trabalho. Elas levam os passes que permitem aos educandos comparecerem todos os dias à escola e definem quem pode ou não receber uma cesta básica. Todas são mulheres e devido ao distanciamento que elas mantêm conosco (educadores da Escola Sindical) não saberíamos precisar suas idades, origens e trajetórias. Mas o certo é que elas, tanto as que trabalham para a Petrobrás quanto às funcionárias da prefeitura, afirmam o tempo todo a necessidade da disciplina como forma de manter os benefícios concedidos (passes de ônibus e cestas básicas).

¹² Caçapava conta com um educador e Jacareí com mais um. Nas duas cidades o perfil dos educadores é semelhante aos de São José dos Campos.

As características dos sujeitos que vivenciam o espaço onde os trabalhos do Prominp acontecem, não estariam completas sem a descrição dos coordenadores do SENAI. O local é coordenado por um representante do SENAI que tem como principal finalidade organizar o calendário de atividades e zelar para que a *cultura* SENAI seja mantida acima de tudo. Cotidianamente o local recebe a visita do Diretor do SENAI de São José dos Campos que está sempre a lembrar aos alunos da sorte que eles têm de “serem escolhidos” para fazer “de graça” um curso tão importante e que a única coisa que lhes é pedido em troca é uma disciplina irretocável. Este também, em reuniões periódicas com os instrutores os faz lembrar que seus contratos vencem mensalmente e que a renovação dos mesmos depende, entre outras coisas, de “vestirem dignamente a camisa da instituição”.

Essa seção procurou traçar o perfil dos sujeitos (homens e mulheres) que cotidianamente convivem e constroem o espaço de trabalho do curso de qualificação profissional para possíveis trabalhadores da construção civil junto à Revap. Passemos agora à descrição do espaço de vivência.

Parte II: A terra

Descrição física do espaço onde foram desenvolvidas as atividades.

Descrição das questões político-pedagógico.

São José dos Campos¹³ é a maior e mais rica cidade do Vale do Paraíba, região economicamente importante no país desde o ciclo do café e que atualmente abarca um importante pólo industrial e tecnológico. Dentro deste cenário a “Capital do Vale” se destaca por seu tamanho, cerca de 600 mil habitantes, e pela presença de importantes empresas como a Petrobrás (Revap), Johnson & Johnson, Embraer e outras. Além disso, como suporte a corporações de alta tecnologia a região é servida por importantes centros de ensino e pesquisa como a Unesp, ITA e ETEP (Escola Técnica Professor Everardo Passos). Apesar disso o joseense possui pouca escolaridade e mesmo aqueles que possuem uma melhor formação não a tem na área de humanidades, dificilmente escapando ao censo comum quando trata temas como política e sociedade.

¹³ Todas as informações a respeito de São José dos Campos foram extraídas do site da prefeitura municipal da cidade.

Isto se explica pelo arcabouço de ensino montado em torno de uma formação para alimentar o mercado de trabalho regional pautado na indústria de alta – tecnologia.

Esta estrutura vem demonstrando sua face mais sombria nos últimos 10 anos, quando o crescimento econômico da cidade não ultrapassou os 2,5% ao ano e as empresas passaram pelo processo de reestruturação produtiva toyotista dos anos noventa. Deste cenário totalmente desfavorável à geração de novos empregos emergiu um processo de debandada da mão-de-obra de alta qualificação (o que Pochmann¹⁴ chamaria de fuga de cérebros), enfraquecendo os centros de ensino e pesquisa. Na outra ponta, os trabalhadores de baixa qualificação viram-se sem trabalho algum ou, quando o conseguiam, reféns do trabalho precário junto a empresas terceirizadas.

Um passeio na periferia de São José dos Campos dá uma boa idéia da situação em que se encontra boa parte da população. A partir da hora do almoço, homens e mulheres de todas as idades lotam os bares e as *lan-houses* da cidade e por aí permanecem até a madrugada. Os mais jovens espalham-se pelas caçadas ou conversam escorados nas paredes, as garotas geralmente experimentam sua primeira gravidez antes dos 16 anos. As filas dos telefones públicos são enormes, sobretudo após as 20 horas, isso no mínimo indica que se esta população possui telefone em casa este apenas recebe ligações. Contudo, o mais provável é estarem incapacitados de pagarem a assinatura básica de cerca de R\$ 40,00.

Os ônibus são poucos e estão sempre lotados. Teatro e cinema são apenas para ornamentação. Os primeiros não possuem sequer um programa anual de apresentações e se tivesse seria inacessível a maior parte das pessoas da cidade (a exemplo dos cinemas que custam em média R\$ 14,00). Não existe nenhum programa de incentivo cultural para a população. Os parques são bem cuidados, mas não existe nada além de grama e monumentos para ver. As universidades parecem fortificações e não desenvolvem programa algum de extensão frente ao público local.

Para a realização dos cursos de qualificação em São José dos Campos a Prefeitura Municipal, o Senai e a Revap conseguiram junto a ETEP a cessão de uns galpões nos fundos das dependências da escola. Estes galpões foram totalmente

¹⁴ Márcio Pochmann: Professor Doutor em economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Autor de uma série de trabalhos sobre mercado de trabalho e novas tecnologias.

modificado pelo Senai que, por meio da construção de divisórias de madeira, organizou uma pequena escola: com cinco salas de aula, uma secretaria, duas oficinas cobertas (carpintaria e armação de ferro) e um espaço para a realização do curso prático de pedreiro¹⁵.

¹⁵ Há uma heterogeneidade em que trabalhavam os educadores da Região do Vale do Paraíba, dentro as quais se destacam a precariedade da estrutura física em Caçapava, em condições próximas ao inaceitável para educandos e educadores.

Em Jacareí, a estrutura física oferecida era excelente. O projeto utilizava as dependências do SENAI e contava com salas climatizadas, aparelhos de som e dvd, auditório e data show. Tendo essa estrutura, era possível organizar as atividades tanto em sala de aula a partir de uma ampla opção de meios de comunicação o que tornava as aulas mais dinâmicas com os recursos do vídeo, música, coreldrow, além de possibilitar interações teatrais no auditório disponível. Além do mais, as salas climatizadas possibilitavam o conforto necessário (a educandos e educadores) para um regime de oito aulas diárias.

Entretanto, as instalações disponíveis em Caçapava eram, no mínimo, totalmente inadequadas. A começar pela localização do prédio onde o projeto acontecia: na rodovia Dutra. Trata-se de um enorme galpão de zinco onde não existem janelas nem salas individuais. As aulas eram ministradas em uma espécie de estandes, semelhantes aos utilizados normalmente em feiras de livros, sem cobertura ou vedação entre eles. A menos de três metros destes estandes (frise-se sem paredes) acontecem as oficinas de pedreiro, carpinteiro e armador. O barulho, já infernal com os carros, caminhões e ônibus que passam pela rodovia, tornava-se ensurdecedor quando as furadeiras, martelos, talhadeiras, colheres de pedreiro, serras e serrotes eram acionados. Juntava-se a isto o terrível calor proporcionado por uma estrutura de zinco sem janelas, com uma quantidade de sujeira das oficinas circulando pelo ar abafado, com alunos acomodados em carteiras com pouco conforto, algumas quebradas.

Contudo, os absurdos não paravam por aí: os educandos e educadores ainda eram obrigados a dividir este espaço com toda sorte de sucata pertencente à prefeitura que fica entulhada desordenadamente pelo espaço e que nem ao menos fora limpo. Além disso, funcionava ao lado da cozinha improvisada uma máquina de moagem de ração animal (para pássaros) que espalhava pelo local um cheiro desconfortável e contribuía para intensificar o barulho acima descrito. A poeira da ração animal recendia sobre a comida servida aos educandos no estande ao lado. Se isso não bastasse, o teto do prédio estava infestado de pombos atraídos pelas sobras da ração, eles defecavam e ciscava pelo espaço que não era limpo com muita frequência (o espaço de trabalho da ração), fazendo com que a comida cotidianamente servida ficasse exposta a toda sorte de poeira e dejetos que estivessem no ar. Além disso, não havia água potável e sanitários que satisfizessem requisitos mínimos à boa saúde das pessoas que habitavam tal espaço.

Essa precariedade obrigava um esforço desumano de gritar para ser ouvido, e impedia que um educando sentado num extremo do estande, escutasse o colega que está sentado no meio. Em Caçapava não estava disponível para as aulas nenhum aparato de áudio ou vídeo para os educandos da Escola Sindical São Paulo - CUT, quando os docentes da disciplina SMS, contratados pelo SENAI, utilizavam um laptop com filme didático e/ou documentário acoplado a uma grande caixa amplificadora o barulho e perturbação sonora alcançava escala nada segura seja sob quaisquer critérios de SMS utilizados. Portanto o método pedagógico ficava totalmente prejudicado pela precariedade da estrutura física. Em resumo, o método era o improvisado possível em meio ao calor, barulho intenso, sujeira, fuligem e poeira pelo ar misturados ao cheiro de ração.

Quando as aulas começaram este era o espaço disponível para a realização dos trabalhos. Como era inverno, as salas, que não possuíam janelas adequadas nem ventiladores, pareciam adequadas para o curso. O Senai ainda disponibilizou notebooks(para o curso de SMS) e TV-vídeo-DVD (para o curso de cidadania) e a Escola Sindical – CUT viabilizou a compra de um aparelho de som. Contudo, um problema se apresentou logo de início: a oficina de pedreiro se espalha por toda a região dos fundos das salas de aula, a uma distancia de cerca de dois metros. Enquanto as casinhas eram construídas fazia um certo barulho, mas nada assustador, o problema é quando elas tinham de ser destruídas para que se reconstruíssem novas casinhas. O barulho era tanto que ficava impossível a qualquer pessoa falar e ser ouvida em sala de aula. Isso acontecia uma semana por mês.

Como isso acontecia poucos dias no mês um remanejamento do calendário poderia amenizar este problema de organização do espaço físico. Mas a maneira desordenada com que as turmas eram montadas impediram que se estabelecesse um calendário permanente, então durante alguns dias no mês os trabalhos em sala de aula era realizado aos gritos. Este era o problema do inverno, o verão veio adicionar um problema a mais: o calor.

O Vale do Paraíba se situa entre as serras da Mantiqueira e do Mar, por esta razão o sol primaveril não vem acompanhado do frescor dos ventos da estação das flores. O resultado é um calor intenso a partir de setembro num movimento ascendente até o final de março. É lógico que os dias são extremamente belos e aprazíveis, convidando em todos os sentidos uma visita à praia, cotidiano programa joseense de fim-de-semana. Mas ao invés de praia, educandos e educadores dirigiam-se todos os dias para as salas adaptadas do ex-galpão da ETEP. Com uma pequena janela por sala, sem ventiladores e um único bebedouro para mais de cem pessoas, a situação tornou-se próxima do insuportável.

Os educandos fizeram um abaixo assinado pedindo uma solução para o problema. No início de outubro a direção do SENAI prometeu uma rápida solução e pediu paciência, pois os recursos eram escassos. Eram meados de novembro e nada tinha se modificado exceto o calor que agora era muito mais intenso. Assistir às aulas passou a ser um pesadelo torturante a partir das 14 horas, uma sensação de sede e asfixia tomava conta de todos. A rigidez da disciplina SENAI tornava os trabalhos ainda mais duros: os educandos devem ter horários rígidos para sair das

salas de aula, as aulas não poderiam ser encerradas antes das 17 horas, não é permitido ao aluno beber água a toda hora.

O resultado do somatório entre condições materiais disponíveis, condições climáticas e disciplina empresarial foi uma série de educandos desmaiando (isso provocado por vários fatores, tais como: má alimentação e saúde, potencializados pelo calor) a enfermaria da ETEP sendo acionada quase todos os dias e, em algumas ocasiões, foi necessário chamar o serviço médico de urgência (SAMU).

A continuarem estes problemas o curso deveria ser suspenso e isso teria um alto custo sobre os instrutores¹⁶ e impactaria sobre a moral dos educandos que viam no curso seu passaporte para a REVAP: o sonho seria adiado até quando?

Diante desse espetáculo de desrespeito às condições mínimas de trabalho a ETEP se movimentou e instalou ventiladores em todas as salas. Na mesma direção, uma série de negociações entre os educadores, educandos e instrutores junto ao SENAI e Revap viabilizaram a instalação de mais dois bebedouros e permitiu que a rigidez de horários fosse flexibilizada, cabendo ao educador definir os horários em que as turmas poderiam ter intervalos para beber água e se aliviarem do calor fora da sala de aula.

Os meses de novembro foram decisivos para a modificação do espaço físico que passou a receber uma atenção especial no sentido de se tornar menos hostil aos que lá trabalham. Além do que já foi mencionado (os ventiladores que foram instalados (e a promessa de dobrar o seu número até março) e o aumento do número de bebedouros), foi construído um refeitório e a qualidade da comida melhorou. Ensaiou-se a construção de um espaço para os educandos se encontrarem e praticarem jogos de mesa como o xadrez e o dominó, além de serem disponibilizadas algumas velhas revistas para quem quisesse se distrair com alguma leitura.

Todo esse processo de transformação do espaço físico é também político. O que será narrado na próxima seção.

¹⁶ É importante a lembrança de que os instrutores do SENAI recebem por hora aula trabalhada. Na situação em que as aulas fossem suspensas eles ficariam sem renda.

Parte III: A guerra

Embate de uma metodologia de pensamento crítico *versus* “cultura empresarial”.

O que motiva esse embate?

Como esse debate se deu ou se dá e/ou são vivenciados na relação educador-educando-espço geográfico?

Quais as conseqüências desse embate: como a terra e o homem são transformados?

Preâmbulo

Tendo em vista o choque de duas metodologias distintas desenvolvidas no projeto de Qualificação profissional (uma a do SENAI, que se insere numa perspectiva tradicionalista de ensino, na qual o educando representa a pessoa a ser moldada com o depósito de informações e a outra (Dialética) adotada pela Escola Sindical São Paulo - CUT, voltada à construção-participativa-coletiva do saber, a partir dos saberes e experiências trazidas pelos educandos) a práxis pedagógica revelou-nos certas contradições e antagonismos percebidos tanto nas vivências e debates cotidianos de sala de aula, bem como nos demais momentos de convivência em outros espaços dos cursos.

O planejamento

No planejamento e montagem do plano de aula e da metodologia para os cursos do PROMINP, levou-se em conta as discussões e leituras realizadas nas Oficinas de Formação na Escola Sindical São Paulo - CUT e as primeiras impressões colhidas nos respectivos espaços onde seriam desenvolvidos tais cursos. Tendo em vista a constatação, pelos educadores, da multiplicidade de espaços e condições distintas para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, elaboramos um plano de aula a ser desenvolvido nos cursos do Vale do Paraíba (Caçapava, Jacareí e São José dos Campos). Tratava-se de um plano de aula a servir como referência aos trabalhos em sala frente às condições até então percebidas nesses espaços.

No entanto, pela falta de uma melhor comunicação entre os educadores e falta de infra-estrutura para produzirmos um plano de atividades comum - que

refletisse a heterogeneidade de espaços e o modo que cada educador poderia desenvolver suas aulas, além do tempo disponível em meio a quantidade de turmas já em andamento – não foi possível uma integração de todos os educadores envolvidos no projeto do Vale do Paraíba. **O resultado desse processo está melhor detalhado no anexo I ao final do trabalho.**

O cotidiano no campo de vivência

A metodologia do curso de cidadania:

Bom dia a todos¹⁷!

Bom dia professor!

Eu gostaria de saber se alguém aqui conhece a brincadeira do barbante? Faz-se um grande silêncio. Quem conhece alguma brincadeira com barbante?

Alguns levantam a mão. Quem dentre vocês poderiam explicar a brincadeira que conhece?

Ah professor! É simples. Todo mundo conhece... você pega um barbante e amarra as duas pontas e aí as pessoas ficam tirando da mão de um e pegando na mão de outro. E o barbante vai fazendo formas diferentes nas mãos.

Alguém conhece alguma diferente? Não? Fale você!

Ah é um telefone com barbante e copos de plástico, o senhor conhece?

Não. Como é?

Ah! Vai dizer que não sabe? Cê pega um barbante bem comprido e amarra um copo numa ponta e outro em outra ponta... aí cê fala numa ponta e a gente ouve na outra ponta é legal fazer pras criançada.

Bem, a nossa brincadeira do barbante vai ser diferente. Estão vendo este barbante? Pois é eu vou entregá-lo para alguém e esta pessoa vai dizer o nome e o que espera do curso de cidadania. Depois... vai manter uma ponta segura em sua mão e entregar o rolo de barbante para outra pessoa, que fará a mesma coisa. Certo? Entenderam a brincadeira, o jogo?

Sim!

¹⁷ A narrativa, embora baseada em fatos do cotidiano das aulas, é ficcional assim como os nomes citados. Tratasse de uma ilustração de como se dá o processo frente à primeira aula de cidadania.

Meu nome é Mariano cuido sozinho de duas filhas e minha expectativa é conseguir um emprego na Revap.

Meu nome: Sebastiana. Sou viúva e gostaria de qualificar para conseguir uma vaga na Revap. Gostaria que todos também conseguisse... gostaria de encontrar todos lá...

Meu nome é Mateus nunca tive emprego registrado, mas espero com esse curso de qualificação aqui no Senai conseguir uma vaga na Petrobrás.

Meu nome é Maria da Conceição e eu espero que o curso de cidadania nos ensine a ser bons trabalhadores.

Meu nome é João Francisco e eu acho que no curso de cidadania a gente vai aprender a respeitar as leis.

Eu sou Ivanildo, trabalho como pedreiro faz 15 anos, e acho que o curso de cidadania vai ensinar como andar direito e ser um bom cidadão.

Eu Sou Monalisa e não tenho a menor idéia do que isso quer dizer, mas quero aprender.

Eu me chamo Maristela e acho que a gente vai aprender a andar certo.

Eu sou a... eu me chamo F... meu nome é... eu sou... meu nome é...

Agora me digam. O que vocês vêem à sua frente?

Um monte de barbante.

Trocas.

Amizades.

Sim, mas o que esse monte de barbante parece?

Parece uma teia, uma teia de aranha!

Ah, parece um ninho?

Eu acho mais parecido com uma rede?

Certo! E se eu der um puxão na minha ponta do barbante o que vai acontecer?

Todos nós vamos sentir o puxão.

E o que isso significa?

Um certo silêncio e umas caras de espantadas se entreolham. Vamos lá gente o que isso significa?

Significa que a gente tá preso um no outro!

Preso não, você pode soltar o fio a hora que você quiser.

É mas aí desmancha a rede?

Sim, mas você se importa com a rede?

Como assim?

O que essa rede representa aqui na sala?

Ela liga nós tudo?

Ou seja, foram vocês que construíram essa rede.

Contudo, você pode soltar a ponta na hora que você quiser. Lógico que a rede vai se desmanchar ou pelo menos vai ficar meio bamba. Mas isso só é um problema se você se importar com ela.

Essa rede pode significar uma relação que vocês começam a estabelecer uns com os outros?

Sim, pode.

Então, a qualidade e a força desta relação vai ser responsabilidade de cada um aqui dentro da sala e ao mesmo tempo diz respeito a todos. A rede é uma construção de todos nós e ao mesmo tempo é montada por cada um de nós. Ou seja, o crescimento e a beleza dessa rede depende do esforço de todos conjuntamente e ao mesmo tempo de cada um de nós separadamente.

Com essa imagem que se formou, pela ação de cada um, podemos pensar nossas relações na família? No local de trabalho? Na sociedade?

Todos respondem, balançando a cabeça ou dizendo SIM!!!

Algo mais a dizer? Tem alguém que gostaria de falar algo mais?

Gostaria que guardassem essa experiência que acabamos de ter, pois será importante ao longo do dia e do curso.

Agora vamos enrolar o barbante com muito cuidado para que ele fique bem enrolado e não tenha nós. Para isso cada um enrola um pouquinho e passa o novelo para outra pessoa.

É dessa forma que tem início as aulas de cidadania do curso de qualificação profissional do Prominp para possíveis trabalhadores da REVAP em São José dos Campos. A idéia é que as pessoas se conheçam e percebam a importância de cada um na construção da coletividade. Essa dinâmica do barbante é seguida de uma atividade em que os educandos são instados a fazer um desenho que os represente (não um desenho de suas própria figuras, mas sim um desenho que expresse sua personalidade, por exemplo: Um sol: eu me vejo como o centro do mundo; uma nuvem: eu sou muito instável), ao mesmo tempo lhes é pedido para que respondam três questões e as escreva em distintas folhas de papel: onde nasci? O nascer aí tem múltiplas interpretações: pode ser a cidade do nascimento

apenas ou, além desta, outros lugares onde a vida através de seus reveses provocara uma importante transformação na pessoa; qual a minha formação? É explicado que boa parte da formação não se dá na escola, por isso é importante que além da escolaridade se diga onde e com quem as pessoas aprenderam o que sabem fazer; Qual fato marcou a minha vida?

Logo após, cada educando escolhe um local para colar o seu desenho e, ao lado destes, suas três respostas. Após todos terem terminado esta atividade, a próxima meia hora será para que calmamente apreciem os trabalhos um do outro. Este é um momento de forte identificação, pois as pessoas começam a perceber o quanto um desenho aliado a poucas palavras podem desnudá-las e o quanto a nudez permite um forte auto-reconhecimento nas vivências do outro.

Os desenhos, as dores e os prazeres são recorrentes nos trabalhos e, por isso, silenciosamente eles fazem uma meia hora, de partilha de afinidades, bastante reflexiva. Isso tudo é uma preparação para a próxima atividade, quando cada um dentro daquela sala (incluindo o educador) irá falar um pouco do que desenharam e do que escreveram. Durante os depoimentos, o processo de identificação se torna intenso e profundo e não é raro as pessoas se emocionarem (muitas choram e outras tem dificuldade de falar devido a emoção).

A idéia da rede é trazida de volta pelo educador e a percepção de que a solidariedade é uma ferramenta importante na construção de qualquer relação onde estejam envolvidos respeito e partilha toma uma dimensão que salta aos olhos. É justamente a hora do almoço e a interação (conversas) irá continuar nas mesas de refeição e no pátio durante o intervalo.

Na volta do almoço, é o momento de entrega da cartilha do curso e a leitura da “apresentação da apostila” por um dos educandos que se dispôs a ler para o resto da turma. Em seguida, as dúvidas e perguntas surgidas com a leitura são esclarecidas juntamente com o funcionamento do curso: carga horária, cronograma de aula, parcerias no projeto, entrega do certificado, etc. É comum nesse momento questionamentos sobre a avaliação no curso. “Como será a PROVA Professor?”. Nesse momento, depois de lido o texto da apostila “Tradição oral”, discutiremos sobre nosso método de estudo ao longo do curso. Não haverá prova e nem avaliação do jeito que vocês estão acostumados, mas a participação e presença no curso são muito importantes. Por vezes explicamos um pouco do método e quem foi Paulo Freire. A partir disso, a temática geral a ser estudada no curso de Cidadania é

apresentada: Cultura?-Trabalho?-Cidadania? Ao lado de cada termo aparece na lousa o ponto de interrogação.

O que é cultura? Caras sonolentas passam a participar de uma explosão de palavras, onde cada um deve falar o que lhe vem em mente quando ouvem falar em cultura: música, teatro, dança, esporte, cinema, livro, escola, festa, comida, roupas, artesanato, artes, pintura, escultura. Agora observem as palavras no quadro e digam se tem alguma que vocês discordam que seja cultura. Nenhuma? Tudo isso é cultura? (Pergunta o educador). Bem, então, a cultura está em muitas coisas? Ela está em tudo isso que vocês falaram. Mas vocês me deram exemplos de coisas onde a cultura está presente, mas não me falaram o que é cultura. Então vamos pensar todos juntos. Formem grupos e tentem descobrir o que une todas estas coisas. O que está na escultura e no esporte ao mesmo tempo? O que está na dança e na comida ao mesmo tempo?

Depois de um bom tempo um rosto iluminado informa num sorriso: gente professor! Gente! Tudo isso é feito por gente!

A discussão vai prosseguir e se houvesse tempo essa narrativa também continuaria por dezenas de páginas, contudo não cabe aqui a descrição passo-a-passo das quarenta horas de aula do curso de cidadania. A digressão acima foi realizada com o intuito de ilustrar o método utilizado na construção do conhecimento. Num primeiro momento, a interação o mais profunda possível entre os sujeitos (educador e educandos), fundamental para que se construa um ambiente de solidariedade adequado à proposta de trabalho adotada.

A partir disto as aulas vão se desenrolar em cima de questões lançadas para promover um caminhar no sentido de resolvê-las. O conhecimento se constrói durante este passeio, na caminhada rumo às respostas. É neste processo que as especificidades de cada educando são incorporadas na construção do conhecimento que não é individual e que não parte de um ponto emanador em direção ao lado escuro da sala. Num primeiro momento a estranheza os faz irritados com o método, não estão acostumados com a autoconstrução do saber. E de repente a sua frente um professor que não se propõe a dar respostas, mas sim em lançar perguntas a serem respondidas coletivamente. E o pior! A cada resposta um novo questionamento se apresenta e, portanto, um novo caminho deve ser trilhado. Mas depois de algum tempo vem um primeiro *insight*: estamos aprendendo a fazer

perguntas: o que é cultura? O que é trabalho? O que é emprego? O que é capitalismo? O que é sindicato? Etc.

Estamos aprendendo que somos capazes de dar respostas e de avaliar se elas solucionam ou não a questão, e como? Elaborando um novo questionamento e percebendo se a resposta ainda continua adequada. E, por causa disso, estamos aprendendo a não aceitar qualquer resposta ainda que ela venha de quem consideramos autoridade. O que é autoridade? Por que existe autoridade? Tantas perguntas! As perguntas mudam o mundo. As perguntas assustam as verdades estabelecidas.

É muito bonito e recompensador quando percebemos que muitos educandos começam a perceber a maravilha que é a construção do conhecimento e que uma parcela do conhecimento parte de seu mundo e que a verdade é algo passível de questionamento.

Ainda na primeira aula eles se defrontam com a “galinha feita pelo homem” apresentada no texto “Trabalho e cultura” da apostila¹⁸ que foi preparada para o curso. O estranhamento é maior nos religiosos. Como a galinha foi feita pelo homem e não por Deus? Frente a essa questão uma simples: o que é uma galinha? Uma ave. Qualquer ave é uma galinha? Não, galinha é uma ave que a gente cria e come. Então, se ao invés desta ave tivesse sido um mutum a ave escolhida pelo homem para criar e comer, o mutum se chamaria galinha? Acho que sim. Então quem deu aos homens esta ave que eles criam e comem foi o próprio homem, ou seja, a galinha só existe para nós porque um dia os homens a escolheram para serem criadas e comidas? Sim. Então a galinha é uma construção humana. Que outras coisas são construções humanas?

A segunda e a terceira aulas defronta-os com algo que eles achavam eterno: a forma de se produzir coisas. O que é trabalho? Como percebemos o Trabalho nos dias de hoje? Sempre foi na forma do emprego? Do salário? O capitalismo começou há pouco tempo? O relógio te escraviza? Por que? Por que você recebe por hora e não por peça? Ford era um grande homem? Existe salário justo? Como era ser

¹⁸ Apostila construída pela Escola Sindical São Paulo – CUT como subsídios às atividades com os educandos de dois grupos distintos, do Prominp do Vale do Paraíba e do Planseq de Araraquara. O processo de construção se deu ao longo das Oficinas de Formação no qual os educadores (recém contratados conjuntamente com os formadores) sugeriram materiais e textos.

operário em 1830? Como é nos dias de hoje? Os trabalhadores tiveram conquistas de lá para cá? Como foi vencida cada batalha? E no Brasil como a coisa se deu? Alguém aqui já morou na roça? Como é a vida na roça? Qual a importância da construção civil na formação do Brasil que temos hoje? Qual o perfil do trabalhador da construção civil?

Na caminhada rumo a cada uma destas respostas todo um universo de opiniões e inquietações que emergem e se entrelaçam compondo, junto com as posições do educador, um novo mundo que se descortina para os que se percebem tão importantes quanto este dentro do processo de construção do seu mundo. Contribuindo para estas discussões as inquietações de Charles Chaplin em seu “Tempos Modernos” e de Chico Buarque e Zé Geraldo com suas “Construções”¹⁹.

A quarta aula lança um desafio: quem aqui é um cidadão de verdade? Se for, explique o motivo? Se não for, também explique? O que são direitos? Os direitos são dívidas? Quem no-los dá então? Se ninguém nos dá os direitos, como os conseguimos? Todas as leis devem ser seguidas? Existem leis que não devem ser seguidas? O que fazemos com elas então? Como fazemos isso?

Em meio às expectativas pela entrega dos certificados, abre-se a quinta aula onde vamos tentar apresentar um painel sobre a história do sindicalismo e o papel dos sindicatos nas conquistas do trabalhador. O operário (que se percebe enquanto sujeito ativo da sociedade e vê sair de suas mãos tudo o que se vê construído sobre a cidade (caneca, facão, edifício, Macerati, notebooks...) e que, a partir disso, passa a dizer não a tudo que não considera justo) emociona a todos dentro da sala, desde a terceira aula quando o poema “Operário em construção”, de Vinícius de Moraes, fora trabalhado.

O grande exercício agora então, é externalizar-lhes a compreensão de que aquele operário não é um herói solitário, mas sim representa a tomada de consciência da classe trabalhadora e seus movimentos rumo a uma maior organização frente ao capital. Aqui, o desafio talvez seja a desconstrução de uma visão que muitos educandos possuem, qual seja: o sindicato é visto como “ladrão”, um “bando de politikeiros” que só querem ascensão política e quando faz greve muitos são prejudicados pela perda do emprego.

¹⁹ As músicas homônimas “Construção” e “Construção” dos compositores Chico Buarque e Zé Geraldo.

O que é um sindicato? Qual o papel dos sindicatos? Quando um sindicato de trabalhadores é forte? Qual a importância de um sindicato forte? Quem perde e quem ganha com a organização dos trabalhadores? Como isso aconteceu? Como as coisas estão hoje? O que podemos fazer frente a isso tudo? Com o filme “Braços cruzados, máquinas paradas” procuramos recuperar um momento histórico e importante do país como contraponto à desertificação neoliberal e re-estruturante do mundo do trabalho nos anos noventa.

O curso que procurou a exatidão mostrar a importância do questionamento no processo de construção do aprender se encerra com as “Perguntas de um trabalhador que lê” de Bertold Brecht.

A cultura empresarial:

Pari passu ao método acima descrito outro método se desenrolava no mesmo espaço físico e junto às mesmas pessoas: a cultura SENAI é esta a expressão usada pelos instrutores e coordenadores desta instituição para definirem o método utilizado na qualificação de profissionais do setor industrial. Neste caso específico, os futuros pedreiros, armadores de ferro e carpinteiros que poderiam vir a ser empregados pela REVAP na realização da expansão proposta para este ano no Vale do Paraíba. Mas o que é a cultura SENAI? Uma fábula (acho que assim pode ser classificada a historinha a seguir) contada por uma instrutora de SMS durante uma de suas aulas pode dar um caminho bem interessante para o exame desta questão:

A long time ago in an enterprise far far way ... (parodiando Shrek II²⁰)²¹ “Um empregado com anos na empresa consegue uma audiência com o patrão. Uma vez sentado diante de seu chefe reclama do que considera uma grande injustiça:

_ Patrão! Veja bem! Trabalho com o senhor há vinte anos e recebo R\$ 1000, 00 por mês e o Paulo, que está aqui faz apenas seis meses, recebe o mesmo que eu. Isso não é justo.

²⁰ Animação norte-americana produzida em 2004 pela DreamWorks SKG / Pacific Data Images que satiriza os contos de fadas mais conhecidos.

²¹ *Há muito tempo atrás numa empresa muito, muito distante...* (é assim que se começavam quase todos os contos de fada nos filmes americanos que as tornaram famosas: tais como “As histórias da Mamãe Ganso” é lógico que ao invés de empresa o termo utilizado era Reino. Em Shrek II a idéia de empresa é bem marcada, mas no caso tratasse de uma sátira aos contos de fadas.

O patrão que fingia sequer ouvir as queixas de seu empregado, pois continuava, calmamente, a ler seu jornal. Dobrou o jornal com a tranqüilidade dos que sabem o que estão fazendo e sem olhar nos olhos de seu queixante, tomou de um telefone e mandou chamar o pivô da reclamação. Paulo entrou e logo foi perguntando se o patrão aceitava um café, pois percebera de cara que o mesmo se preparava para fumar um cigarro. Sacou de um isqueiro e acendeu o cigarro do chefe e, antes de sentar-se, saiu da sala e voltou com três xícaras de café.

_ Senhores – disse o patrão enfim – estou pensando em servir abacaxi como sobremesa para os meus funcionários. Por favor, vocês poderiam ir cada um em uma das duas feiras que existem aqui perto e ver se eles possuem abacaxi?

Rapidamente os dois saíram. E depois de algum tempo chegaram juntos.

_ E então? Perguntou o chefe.

No que o funcionário que havia feito a reclamação prontamente respondeu: Verifiquei senhor que há abacaxi na feira, ao menos para hoje, e que a unidade do abacaxi custa R\$ 2,00.

_ E você Paulo? O que tem a me dizer sobre a missão na qual lhe enviei?

_ Verifiquei que existe sim abacaxi. Mas também verifiquei que existe banana, mamão, maçã, abacate... e os preços de cada um deles, para que o senhor tenha um leque maior de opções e de preços. Para facilitar sua seleção do que seria melhor para a empresa, disponho-me a lhe preparar um memorando dos resultados obtidos.

O empregado que havia se queixado deixou o escritório sem dizer uma palavra e nunca mais se queixou de coisa alguma”.

Não é preciso explicar a moral dessa história.

Essa cultura empresarial, de que o bom trabalhador é aquele que dá o sangue pela empresa sem reclamar e que dessa maneira terá sempre seu valor reconhecido pelo patrão, se alia a outra na qual o trabalhador deve ser adestrado para sempre dar a mesma resposta frente às mesmas questões. Em palavras menos doces: o trabalhador deve sempre pensar no que é melhor para a empresa, pois o que é bom para esta com certeza trará crescimento para ele. Dentro deste cenário ele pode ser empreendedor e tomar decisões sem que uma ordem lhe tenha sido dada. Mas vejam que essa “liberdade” está dentro de uma margem de manobra incrivelmente estreita e fortemente fiscalizada.

O professor é para ensinar e o aluno para aprender e existe um conjunto de respostas esperadas: as certas. As inesperadas devem ser verificadas, caso estejam de acordo com o cenário proposto estarão corretas, se caminharem para uma outra direção estarão erradas. Qualquer tipo de questionamento é desnecessário, pois existe um caminho certo para se chegar às respostas certas e uma das funções do professor é cuidar pra que o aluno não se desvie deste caminho.

Uma empresa é bem sucedida quando é bem gerenciada. E o fracasso da empresa é resultado da baixa qualidade de seus funcionários. Como todo e qualquer sucesso está nas mãos do administrador e todo e qualquer fracasso repousa sobre os largos ombros dos operários, manter-se no emprego ou não é uma questão de aperfeiçoamento pessoal: os menos aptos estarão fora do jogo.

Quem são os menos aptos? Os que não são polivalentes, os que não se vêm estimulados a trabalhar pelo bem da empresa, os que não possuem “n” cursos de qualificação, aqueles que “não mexem a bunda”, que são preguiçosos, etc. O bom profissional nunca fica desempregado! Ou para quem quer trabalhar não falta emprego! Tem muito emprego no país o que falta e pessoal qualificado! Estas são algumas das “máximas” que esse método empresarial cuida de despejar cotidianamente sobre seus educandos. Para isso, possuem até uma disciplina exclusiva dentro da grade de vários cursos: chama-se curso motivacional.

De forma bem sucinta este curso esclarece a seus alunos que o desemprego muitas vezes é provocado pela falta de motivação do trabalhador. Uma pessoa desempregada não deve se desmotivar, quando frente a uma oportunidade, somente porque se trata de péssimas condições de trabalho e salário baixo. Deve, pelo contrário, buscar uma grande motivação, pois é a chance de demonstrar seu trabalho e assim, provavelmente, galgar lugares melhores.

As tensões:

Quais as tensões possíveis de serem percebidas por nós educadores em um homem ou mulher quando colocados em contato com métodos tão antagônicos? Sobretudo quando estão dispostos dentro de um cenário tão incomum: lhes incitam a questionar frente uma situação em que o emprego, objeto que os moveu a fazer o curso que estão fazendo, só lhes pode ser acenado se não se desviarem do

caminho ensinado para chegar até ele. Questionar que emprego é esse? Quais as condições de trabalho? Qual salário? Ora, eu sequer tenho como pagar a comida para mim e o meu filho. Mas se eu não questionar, o que será do meu filho? E se o salário cair mais? E se as condições de trabalho piorarem ainda mais? Mas eu não estou em condições de me preocupar com isto agora. Mas quando estarei em condições de me preocupar com isso?

Como esses dois métodos entram em acordo dentro dos educandos, se é que são possíveis acordos entre eles?

A resposta mais acertada para esta última questão é: não é possível um acordo. Uma afirmação tão categórica só nos foi permitida a partir da verificação de algumas explicitações comportamentais que, acreditamos, foram potencializadas por este duplo-paradigma. E do confronto destas observações com as referências teóricas norteadoras deste trabalho.

Durante a fase do calor intenso ocorreu uma série de incidentes com educandos passando mal e em duas ocasiões, pelo menos, fora diagnosticado crise nervosa. Até que ponto a dicotomia de métodos pode ter relação com isto?

Educandos foram convidados a se retirarem do curso por embriaguez? Por quais razões se desviaram do caminho certo? Qual o motivo de tamanha falha do curso motivacional?

Os abaixo-assinados e reclamações coletivas quanto a falta de ventiladores e bebedouros de água tornaram-se correntes durante o mês de novembro. Como explicar tamanha indisciplina, que poderia manchar a reputação dos queixantes frente ao empregador?

Estes eventos levaram a uma maior rigidez nas regras. Era necessário reforçar o discurso disciplinador e deixar claro aos educandos que a única maneira de conquistar e permanecer no emprego eram vestindo a camisa da empresa. Para encaminhar estes dois pontos, o Senai decidiu aplicar de maneira draconiana o “manual do aluno”.

O “manual do aluno” é uma série de muitos deveres e alguns direitos que os alunos têm frente à instituição. O *roll* de deveres compreende uma série de elementos que vai desde um *index* de roupas proibidas, tais como: boné, bermuda e camiseta, até uma definição de como deve ser a relação professor-aluno. O descumprimento de qualquer um dos itens do manual pode significar a suspensão ou expulsão do aluno. Isso, e este é o discurso utilizado, é o fim do sonho de

emprego, pois que empresa vai querer um aluno que foi suspenso, quem dirá expulso, do curso.

Entre os poucos direitos está o de saber que existe um manual sob o qual ele será julgado em caso de indisciplina. Nenhum aluno com quem tenhamos conversado sabia deste manual. Este não lhes é entregue quando de sua aceitação pelo curso, nenhum exemplar fica a disposição para consulta, na verdade sequer lhes fora dito que existe tal manual. Mas todos ficamos sabendo deste instrumento disciplinador quando um educando, da carpintaria, ao brincar com um instrutor que lhe chamara a atenção por estar jogando truço no intervalo, descobriu que seria suspenso por ter infringido “O manual”.

Passaram a se vestir de acordo com as normas de um manual que continuaram não tendo acesso. Entenderam, claramente, como deveria ser a relação professor-aluno: o primeiro fala e outro ouve. As festas de confraternização que eram feitas ao final de cada turma foram proibidas, num estrangulamento definitivo dos espaços de vivência coletivos livres do ditame empresarial.

Na outra ponta do discurso, apelaram para a “autonomia responsável” de cada aluno, lançando mão da chantagem como forma de controle velado: “cada um é responsável por suas ações e não cabe aos instrutores ficar dizendo o que um aluno tem ou não que fazer, mas contra fatos não há argumentos: a REVAP jamais contratará um aluno indisciplinado. E o erro de um pode manchar o nome de todos”. A partir da repetição cotidiana deste argumento, pretendiam um incremento da delação e da autofiscalização, que minaria comprometedoramente a solidariedade e organização coletiva dos educandos.

Em parte obtiveram sucesso: as reivindicações se tornaram menos intensas, muito embora as melhoras no espaço físico também tenham contribuído para isso. Nós, os educadores de cidadania, reforçamos nossas aulas como espaço privilegiado de socialização e partilha de idéias e vivências. Os resultados objetivos destes movimentos ainda são uma incógnita, mas talvez a greve de dois dias dos trabalhadores da ECOVAP (empresa que fornece mão-de-obra para a Revap) seja um bom indicador²².

²² Com um incremento no volume de mão-de-obra com certificados de qualificação, fruto dos sete meses de Prominp na Região do Vale do Paraíba, a ECOVAP começou a reduzir os salários dos novos contratados. Isso acarretou uma greve, de dois dias, pela a isonomia salarial.

Conclusão

A gênese das políticas de qualificação profissional

“A “sacralização” da ordem social domesticadora é tão necessária à sua preservação quanto a “abertura” crítica o é à sociedade que se insere na busca permanente da humanização dos homens. Por isto, obviamente, todo esforço de mitificação tende a tornar-se totalizador, isto é, tende a atingir o que fazer humano em todas as suas dimensões, nenhuma esfera pode escapar à falsificação, pois qualquer exceção pode vir a converter-se em ameaça à “sacralização” da ordem estabelecida. Neste sentido, a escola, não importa qual seja o seu nível, vem desempenhando um papel dos mais importantes, como eficiente instrumento de controle social. Não são raros os educadores para quem “educar é adaptar o educando a seu meio” e a escola, em regra, não vem fazendo outra coisa senão isto.

De modo geral, o bom aluno não é o inquieto, o indócil, o que revela sua dúvida, o que quer conhecer a razão dos fatos, o que rompe os modelos prefixados, o que denuncia a burocracia mediocrizante, o que recusa ser objeto. O bom aluno, ao contrário, é o que repete, é o que renúncia a pensar criticamente, é o que se ajusta aos modelos”²³...

A citação acima foi retirada de um artigo escrito por Paulo Freire em Genebra no ano de 1970. É interessante notar que ele escrevia na Europa numa década em que o pacto sindicato-Estado-patronato demonstrava falhas no seu argumento e em seu lugar começava-se a sagrar um pensamento de tez cruel, porém embalado no mais belo papel crepom e fitas de tafetá colorida. O *Well Fare State* começava a patinar e os liberais, depois de uma hibernação de cerca de 30 anos, começavam a divulgar a boa nova: chega de sermos subservientes ao Estado, este caminho da servidão deve ser cortado e, em outro cenário, este sim natural e não artificialmente criado pelo Estado-providência, poderemos dar vazão à nossas individualidades e especificidades.

²³ FREIRE, Paulo, (2006) Algumas notas sobre a humanização e suas implicações pedagógicas in *Ação cultural para a liberdade*. São Paulo: Paz e Terra. Páginas: 119 e 120.

Em poucos anos, o agora chamado neoliberalismo ganharia musculatura e, recepcionado, na ante-sala sagrada dos pensamentos hegemônicos, por EUA e Inglaterra, tomaria de assalto a Europa e a América nos anos 80 e 90. Hoje, suas mãos, menos invisíveis do que sangrentas, abraçam todo o planeta num movimento chamado globalização econômica. Para este movimento, qualquer intervenção estatal provoca um desequilíbrio nas leis naturais da economia, que deve ser regida pela liberdade irrestrita das leis do mercado. O mercado, quando desembaraçado das amarras artificiais do Estado, realoca melhor os recursos econômicos (trabalho e capital), sendo, assim, mais eficiente na gestão da economia que se torna mais moderna e dinâmica. Libertar o mercado, de toda e qualquer interferência de feição governamental, é o primeiro passo para qualquer nação que queira adentrar no paraíso de um crescimento econômico vigoroso e duradouro²⁴.

Este pensamento será insensado por todo o planeta através dos programas de televisão, das revistas de variedades, dos *bestsellers* da moda, da moda, do cinema, da música e, sobretudo, nas escolas. De uma maneira extremamente bem orquestrada que, em menos de uma década, tornar-se-ia um pensamento único. Um cânone cuja dúvida com certeza só permaneceria em almas pouco desenvolvidas e apegadas ao atraso, ou tumultuadores que almejavam se valer da permanência do caos²⁵ como forma de adquirir dividendos.

Com o apoio em massa de todos os corações e mentes era, agora, possível aplainar o caminho para que o capital passasse sem tropeços pelo planeta a fora. A revolução microtecnológica possibilitou a transferência de informações em questão de segundos, isto incluía dinheiro (a forma mais volátil de capital). O capital financeiro, a partir disto, podia rapidamente ser enviado para cá ou para lá, mas para isso era importante que leis regulamentadoras destes fluxos deixassem de existir. Um vez resolvido este problema o próximo cairia de maduro: se não existe mais regulamentação para a entrada e saída de capital e esta pode ser feita em instantes via *.com*, então a permanência de meu dinheiro neste ou naquele país depende da rentabilidade que a nação possa me oferecer: taxa de juros altas (para que meus ganhos sejam os mais altos possíveis) e inflação baixa (para que nos poucos momentos em que meu dinheiro esteja em seu país ele não perca valor).

²⁴ FRIEDMAN, Milton & FRIEDMAN, Rose D. (1979) *Liberdade de escolher: o novo liberalismo econômico*. Rio de Janeiro: Record.

²⁵ Desemprego, hiperinflação e endividamento público.

O resultado desta receita de bolo amarga é que o capital produtivo se viu escamoteado pelo capital financeiro que passou a dar as cartas. As altas taxas de juros emperram a produção e ao mesmo tempo atraem capital internacional, elevando o câmbio e encarecendo os produtos nacionais no mercado internacional. O setor produtivo então se debruça sobre as novas tecnologias de gestão empresarial e junto a isso, sobretudo nas indústrias de ponta, os novos equipamentos incrementam a produtividade. O cenário que nasce dessas transformações é o crescimento assustador do desemprego e do emprego precário.

No Brasil, essa promessa, de entrada do país na modernidade e consequentemente na opulência do primeiro mundo, começou com Fernando Collor de Mello que iniciou uma abertura econômica massacrante para a indústria nacional e abriu a era das privatizações. Fernando Henrique Cardoso, em seus oito anos de governo, pavimentou o caminho para a entrada em massa do capital financeiro e, por meio de um programa concatenado de privatizações, tornou o Estado refém do *rentismo*²⁶. Isto, aliado à reestruturação produtiva de cunho toyotista implementada sobre a trinômia: inovação, qualificação e produtividade²⁷, vai provocar uma emergência do desemprego e do subemprego e irá inviabilizar a organização coletiva dos trabalhadores.

Como o paraíso prometido não chegava e estranhamente a situação do trabalhador tinha piorado. O discurso foi incisivo em mostrar que o problema estava no Estado que ainda não permitia a livre e salutar atuação do mercado. Como produzir se as leis enrijecidas e enferrujadas que regulam o mercado de trabalho impedem que o empregador fique a vontade para contratar? Daí a razão de não haver emprego, e quando ele aparece ser informal. Acabemos com as formalidades e, assim, acabaremos com o setor informal! Veja que situação curiosa: o motivo do trabalhador estar sendo massacrado pelo capital é que o capitalista não pode explorá-lo como bem entende.

Uma vez que todas as proteções do trabalhador tenham sido extintas os empregos e o salário justo minarão como água da fonte límpida. Mas o argumento prossegue: outra razão para o incremento do desemprego não é a inexistência de postos de trabalho, mas sim a inexistência de mão-de-obra qualificada para ocupar

²⁶

²⁷ KREIN, José Dari, (1997) *Reestruturação produtiva e sindicalismo in* CARLEIAL, Liana & VALLE, Rogério, *Reestruturação produtiva e mercado de trabalho no Brasil*. São Paulo: Hucitec – ABET.

os modernos postos de trabalho emersos da globalização. O problema central está no trabalhador: quer seja nos privilégios que possui na relação capital-trabalho, quer seja na sua competência.

Era necessário, portanto, para exorcizar o fantasma do desemprego, acabar com estes privilégios, por meio de uma flexibilização das leis trabalhistas e desenvolver um programa de qualificação de mão-de-obra. É deste cenário que surgem os programas de qualificação profissional.

Pensamento paulofreiriano versus qualificação profissional

Frente a este cenário acima descrito a pergunta que fizemos durante todo o curso foi: qual o sentido de se propor uma educação libertadora dentro de um contexto tão hostil à construção de uma autonomia do sujeito? Ora, durante algumas horas na semana trabalhamos a beleza de se perceber sujeito de sua própria história, mas em todos os outros momentos (incluindo nos intervalos destas horas de discussões) a “realidade cotidiana” lhes acena para o “manda quem pode, obedece quem tem juízo” e para a imutabilidade desta “lei”.

Realidade cotidiana. É aí que está o pulo do gato. Aquilo que parece ser o nosso maior adversário pode se tornar um fervoroso aliado se conseguirmos, como educadores, menos explicar o mundo do que lançar a salutar semente da dúvida. Não a dúvida que angustia, mas aquela que promove um questionamento ante o mítico. Mais do que concordar com o educador é importante que o educando ao fim de seu dia passe a duvidar dele. Pois a dúvida é um estar entre possibilidades, é um não acreditar num único caminho, num único pensamento.

E depois destes sete meses de trabalho, percebemos a importância de estar dentro deste espaço (bem como de todos os espaços em que possamos no expressar como educadores) tão dominado pela educação empresarial e podermos, ao menos, lançar uma pequena pulga atrás das orelhas de quem se percebe preso em um redemoinho intransponível. Como vai se dar a apropriação de tudo o que discutimos em sala de aula, isso não nos é possível precisar. Mas estamos convencidos de que ante um trabalho sério nem educando, nem educador permanecem os mesmos.

“A experiência, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte das indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em

favor da assunção. A formação docente que se julgue superior a essas 'intrigas' não faz outra coisa senão trabalhar em favor dos obstáculos. A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na sua formação democrática uma prática de real importância. A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado. Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida do aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição ao educando por si mesmo. Nunca me esqueço, na história já longa da minha memória, de um desses gestos de professor que tive na adolescência remota. Gestos cuja significação mais profunda talvez tenha passado despercebida por ele, o professor, e que teve importante influência sobre mim. "28

²⁸ FREIRE, P. (2006). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários sobre a prática educativa*. 34ª Edição, São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), p.42.

Bibliografia

BARBARA, M.M. & GARCIA, S.R.O. & MIYASHIRO, R – Orgs. (2003). *Educação integral dos trabalhadores: práticas em construção*, São Paulo: CUT.

BASUALDO, M. E. & FUMAGALLI, D. SANTOS, J.M.P. – Orgs. (2000). *O que é sistematização: uma pergunta, diversas respostas*, São Paulo: CUT.

COSTA, H. & CONCEIÇÃO, M.- Orgs. (2005). *Educação integral e sistema de certificação educacional e profissional*, vl. I, São Paulo: CUT (PROESQ – Projeto Especial de Qualificação).

CUNHA, E. (2000). *Os sertões: a campanha de Canudos*, 39ª Edição, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, Publifolha – (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Graal.

FREIRE, P. (1993). *Professor sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 14ª Edição, São Paulo: Olho d'água.

FREIRE, P. (2006). *Ação Cultural para a liberdade: e outros escritos*. 11ª Edição, São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, P. (2006). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários sobre a prática educativa*. 34ª Edição, São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura).

FRIEDMAN, M & FRIEDMAN, R.D. (1980). *Liberdade de Escolher: o novo liberalismo econômico*. Rio de Janeiro: Editora Record.

KREIN, J.D. (1997). *Reestruturação produtiva e sindicalismo*. In. CARLEIAL, R. & VALLE, R. (Orgs.). *Reestruturação produtiva e Mercado de trabalho no Brasil*, São Paulo: Hucitec – ABERT.

LE GOFF, J. (1996). *História e Memória*. 4ª Edição, Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

LIBÂNEO, J.C. (1997). *Tendências pedagógicas na prática escolar*. In. *Educação e Sindicalismo- 13: caderno de apoio às atividades de Formação do Programa Nacional de Formação de Formadores e Capacitação de Conselheiros*, vl. II, mimeo. São Paulo: Escola Sindical São Paulo – CUT.

POCHMANN, M., (2001) *O emprego na Globalização*. São Paulo: Boitempo.

Revista formação integral - CUT: formação de formadores para educação profissional: experiência da CUT 1998/1999 (2000), Florianópolis, SC: Rocha Gráfica Editora.

THOMPSON, E.P. (1981). *A miséria da teoria: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A.

THOMPSON, E.P. (1987). *A formação da classe operária I – árvore da liberdade*, 3ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

WILDE, O. (2003). *A alma do homem sobre o socialismo*. Porto Alegre: L&P Editores.

ANEXO: Sistematização Prominp

Plano de aula – Escola Sindical São Paulo - CUT – PROMINP – Vale do Paraíba

Módulo 1: Trabalho e Cultura

| Objetivo | Conteúdo | Metodologia |
|--|---|---|
| <p>Objetivo geral: <i>O ser humano como produto e produtor da cultura e da história (enquanto sujeito).</i></p> <p>Objetivo específico: apresentação do educador e dos educandos. (facilitar a desmistificação do conhecimento acadêmico-bancário como o <i>superior</i> aos demais saberes da tradição oral. O ser humano se humaniza com os outros seres humanos).</p> <p>Eliminar a idéia de um saber bancário estruturado em poder vertical. Facilitar a visão de que o saber-diálogo de cada um é essencial para o conhecimento de todos.</p> | <p>Texto: <i>A tradição oral</i> - Os navegadores de Puluwait</p> <p>Escrever na lousa: “O diálogo pressupõe um ato de reflexão-ação comigo, com o outro e com o mundo”. Paulo Freire</p> | <p>Material necessário: rolo de barbante Fotocópias do texto 1</p> <p>Solicitar que alunos fiquem em círculo. O educador explica que se deve segurar uma ponta do barbante, apresentar-se contando algo sobre o nome, – quem escolheu, um porquê, sua filiação – ou escolher um <i>assunto</i> que permita conhecer alguns traços do grupo – , passa para um educando que inicia a atividade. Segue-se a apresentação de todos, finalizando com o educador que ao formar uma teia, aproveite-a para falar sobre um significado da participação de todos para a qualidade da aula, e objetivos da disciplina cultura-trabalho-cidadania. A simbologia – teia, estrela, união, ligação que forem surgindo – é um elemento a ser explorado, pois se alguém</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | | <p>soltar sua ponta do barbante, ele começa a embarçar e se desfaz.</p> <p>- Ler texto 1 sobre navegadores de Puluwait – através de sua leitura e compreensão, retirar a concepção de hierarquia do conhecimento professor-aluno. O diálogo sobre o texto pode levar à percepção da importância de todos participarem para alcançar os objetivos da disciplina.</p> |
| <p>Objetivo geral: <i>Propiciar identidade cultural do grupo (educandos);</i></p> <p>Objetivo específico: facilitar a unidade e formação de GRUPO com participantes compromissados e interagindo para alcançar os objetivos.</p> | <p>Dinâmica com desenho e questões</p> <p>- De onde você veio? Onde nasceu?</p> <p>- Qual é sua formação profissional e escolar? (Como aprendeu a trabalhar?)</p> <p>Fato marcante em sua vida?</p> <p>+ desenho que represente / identifique você</p> | <p>Material necessário:</p> <p>Tarjetas coloridas para questões. 3 cores diferentes ou tiras de papel sulfite, canetas, lápis preto, lápis colorido.</p> <p>Durex ou fita adesiva branca</p> <p>- Solicitar que educandos respondam as questões nas respectivas tarjetas coloridas, assim como desenhem algo que melhor os representem ou os identifique. Cada qual expõe sua resposta e seu desenho, falando um pouco de si e de sua vida. O educador pode iniciar a atividade, mas evitando excesso de “história”. Cuidado com o tempo de fala de cada educando.</p> |
| Objetivo geral: Desmistificação do conceito | Explosão de palavras – Cultura | APLICAR PESQUISA enviada por Marluse, |

| | | |
|--|--|---|
| <p>de cultura e natureza;</p> <p>Objetivo específico: Desconstruir a concepção corrente – senso comum – de cultura. Conhecer o que os educandos sabem e pensam sobre cultura</p> <p>Diferenciar o conceito de <i>cultura</i> em relação ao de <i>natureza</i>.</p> | <p>Cultura no senso comum</p> <p>Texto 2 – A primeira aventura de Tarzan</p> <p>Texto 3 – As meninas-lobo</p> <p>Colagem: O que sabemos (entendemos) por cultura?</p> | <p>após almoço</p> <p>O que é cultura?</p> <p>Perguntar aos educandos o que é Cultura. Escrever na lousa as respostas apresentadas. Apenas anotar, sem interferir na concepção trazida, num primeiro momento.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura do texto 2 – compreensão e interpretação (Grupo 1) - Leitura do texto 3 – compreensão e interpretação (Grupo 2) - Debate e ampliação da visão de cultura e natureza. Distinguir Cultura de Natureza, ampliar a concepção anteriormente baseado no senso comum. <p><i>Seguir a sugestão – roteiro de discussão na sala de aula</i></p> |
| <p>Objetivo geral: Cultura como “todo um modo de vida”.</p> <p>Objetivo específico: Explorar ditados e saberes populares (e ou expressões divulgadas) que carregam preconceitos de toda espécie, e vertentes ideológicas.</p> | <p>Ditados:</p> <p>Homem que é homem não chora.</p> <p>A cultura do índio é mais natural que a do branco</p> <p>As mulheres são frágeis e sensíveis naturalmente</p> <p>Entre outras</p> | <p>Com base nas discussões anteriores, mostrar o equívoco e a não distinção entre cultura e natureza, e como a opressão pode se esconder por trás de concepções “inocentes”.</p> |

| | | |
|--|--|--|
| <p>Objetivo geral: Relação entre cultura e trabalho.</p> <p>Objetivo específico: Apresentar uma explicação sobre a diferenciação entre cultura popular e cultura erudita. (A sociedade capitalista é dividida em classes sociais).</p> | <p>Música – Caipira de Gravata Zé Mulato (Zé Mulato & Cassiano)</p> <p>Vídeo <i>Homem x natureza x cultura</i></p> | <p>Tocar a música. Coletar as impressões</p> <p>A partir das impressões dos educandos em relação à música, sugerir, problematizar a divisão social do trabalho num espelhamento com as diferentes “culturas”. A repercussão dos aspectos econômicos e sociais sobre os “produtos culturais”. Assim, como o reflexo da cultura sobre os desdobramentos econômicos e sociais.</p> <p>Vídeo: Explorar o que entendemos sobre o Homem, natureza e cultura. “Fechamento” do dia: Avaliação do primeiro dia de atividade. Relembrar e fixação.</p> |
|--|--|--|

Módulo 2 – Mudanças no mundo do trabalho

| Objetivo | Conteúdo | Metodologia |
|---|--|---|
| <p>Objetivo geral: Relação entre cultura e trabalho.</p> <p>Objetivo específico: Desmistificar o conceito de <i>trabalho</i> compreendido como apenas trabalho remunerado, alienado, fragmentado.</p> | <p>Colagem elaborada pelos educandos. Texto redigido em grupo</p> <p>Filme: <i>O mundo do trabalho</i></p> <p>Texto: <i>A cultura que criamos</i> – Lenir</p> | <p>Separar educandos em grupos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Solicitar que escrevam o que compreendem por trabalho. - Solicitar que, sempre em grupo, elaborem uma colagem sobre trabalho. - Após exposição dos grupos sobre texto e colagem realizados, explorá-los como explicações sobre trabalho. Explicitar como trabalhos não alienados são realizados diariamente sem que o consideremos como trabalho. <p>Assistir ao filme <i>O mundo do trabalho</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - leitura, compreensão e debate sobre o texto <i>A cultura que criamos</i>. |
| <p>Objetivo geral: Debater o conceito de trabalho/ significado do trabalho.</p> <p>Objetivo específico: Apreender / coletar as opiniões e representações dos educandos sobre como sentem o</p> | <p>Representações que os próprios educandos trazem sobre o sentido do trabalho em suas vidas.</p> <p>Perguntas:</p> <p>1 - Como me sinto ao entrar no trabalho? Como era (é) seu</p> | <p>Material: 2 tiras de papel para cada educando.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Solicitar que respondam as perguntas 1 e 2, não coloquem nome e não deixem os colegas observarem o que escrevem. - Colocar respostas em um envelope redistribuindo-os (espécie de amigo secreto). |

| | | |
|---|--|--|
| <p>trabalho alienado.</p> <p>Propiciar oportunidade para troca de experiências sobre como cada um sente (sentia) seu cotidiano de trabalho.</p> | <p>cotidiano de trabalho.</p> <p>2 – Como me sinto ao sair do trabalho?</p> | <p>- Explorar as representações e descrições dos educandos. Observar as representações do trabalho como forma de garantir a subsistência sua e da família, e a ausência de fala sobre o cotidiano de trabalho propriamente dito (ausência discursiva). Buscar evidenciar como o trabalho alienado é (pode ser) sinônimo de negação da vontade própria ou mesmo sofrimento, em oposição ao valor significativo do trabalho na vida de cada um.</p> |
| <p>Objetivo específico: Sensibilizar os educandos para a necessidade de pensar / observar como o aprendizado interfere em sua visão do mundo do trabalho – olhar para fora, olhar para dentro.</p> <p>Fazer com que os participantes (do jogo cooperativo) percebam a necessidade de olhar para dentro (reconhecer suas capacidades e dificuldades) e para fora do grupo (reconhecer as necessidades vindas do mercado de trabalho)</p> | <p>Dinâmica participativa</p> <p>Jogo cooperativo: <i>Roda para dentro e roda para fora.</i></p> <p>Saída deste jogo: Passar entre duas pessoas (por baixo das mãos) e ir trazendo os outros consigo. Talvez seja interessante, após o jogo, pontuar a dificuldade (que em geral ocorre) em se chegar à solução deste problema e traçar um paralelo com a dificuldade real em se saber qual a melhor (ou mais acertada) forma de se relacionar com os obstáculos do mundo do trabalho,</p> | <p>1) O educador convida todos os participantes para ficarem de pé formando um círculo;</p> <p>2) O educador explica quede mãos dadas e olhando para dentro da roda todos devem virar para fora (olhando para fora) sem soltarem as mãos e sem estarem com mãos cruzadas;</p> <p>3) Quando todos tiverem olhando para fora deverão, agora, fazer o processo contrário de voltar a olhar para dentro da roda sem soltar e nem cruzar suas mãos.</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>ou seja, em reação coletiva e coordenada.</p> <p>Partes do filme <i>Os tempos modernos</i></p> | |
| <p>Objetivo geral: Transformações no mundo do trabalho e o processo de globalização da economia;</p> <p>Objetivo específico: Explicitar os diferentes estágios do desenvolvimento capitalista e seus respectivos modos de organizar o trabalho.</p> | <p>Texto: <i>Breve história da organização do trabalho no capitalismo.</i></p> <p>Passagem da</p> <ul style="list-style-type: none"> - corporação de ofício para a - manufatura para a - ind. taylorista para a - grande ind. fordista para a - ind. enxuta toyotista | <ul style="list-style-type: none"> - Separar os educandos em 4 grupos - Dividir a leitura dos 4 tópicos do texto - Solicitar que os educandos falem sobre o que compreenderam do texto - A partir da exposição dos educandos, explicitar as perdas para a classe trabalhadora com os modos de produção capitalistas, bem como os ganhos de produtividade. |

Plano de aula – Escola Sindical São Paulo - CUT – PROMINP – Vale do Paraíba

Módulo 3 – Cadeia produtiva do setor de petróleo e gás / do setor da construção civil

| Objetivo | Conteúdo | Metodologia |
|--|--|---|
| <p>Objetivo geral: Debater algumas causas do desemprego.</p> <p>Objetivo específico: Fazer com que os educandos despertem para a possibilidade de soluções diferentes daquelas que já conhecem.</p> <p>Comentário: Também pode se trabalhar a questão dos recursos onde podemos pontuar que o único recurso fundamental é o recurso humano porque, sem ele, realmente, não há como se obter resultados; porém, os outros recursos podem até ser substituídos ou eliminados.</p> | <p>Dinâmica/Jogo das Cadeiras Cooperativas</p> <p>Material: Cadeiras em número suficiente para que todos sentem; um aparelho de som onde possa ser tocado um CD ou uma fita com músicas animadas.</p> | <ol style="list-style-type: none"> 1- O educador dispõe as cadeiras em círculo com o assento voltado para fora da roda e explica que se dançará ao som da música e, quando esta parar, temos que sentar rapidamente nas cadeiras; 2- A música pára e uma cadeira é retirada, porém avisa-se que todos deverão sentar; 3- O jogo continua até que todas as cadeiras sejam tiradas e, mesmo assim, todos devem sentar. |
| <p>Objetivo geral: Desmistificar o discurso da “empregabilidade” e da “competência”.</p> <p>Objetivo específico: Relembrar debate / aula anterior sobre os modos de organizar o trabalho.</p> <p>Despertar os educandos para a percepção do</p> | <p>Questões simples que relembrem os principais tópicos da aula anterior.</p> <p><i>Quadro comparativo: Desenvolvimento industrial e relações de trabalho</i></p> <p>Frases sobre os motivos do desemprego</p> | <ul style="list-style-type: none"> - A partir das questões, solicitar aos educandos que falem de sua compreensão e dúvidas – suscitar um diálogo. - Escrever as frases sobre desemprego na lousa (texto de Dari Krein). - A partir da compreensão da aula anterior e diálogo sobre questões, propiciar a distinção dos equívocos |

| | | |
|---|--|--|
| tempo no capitalismo. | Texto: <i>Ditadura do relógio</i> de G. Woodcock | “escondidos” nos motivos e causas do desemprego. - Leitura do texto <i>Ditadura do relógio</i> , em grupo. - Debate, diálogo sobre o texto, a partir das apreensões de cada grupo. |
| Objetivo geral: Propiciar um olhar reflexivo sobre as oportunidades de trabalho e emprego. Objetivo específico: Facilitar a reflexão sobre o quadro conjuntural dos trabalhadores da construção civil. - porcentagens: - escolarização; - gênero, - idade, - - carteira assinada - entre outras | Texto: Conhecendo os trabalhadores da construção civil Texto: a trajetória de Antônio | - Leitura e compreensão dos dados e números apresentados sobre os trabalhadores da construção civil, - Após os educandos compreenderem como os dados são divididos e padronizados, elaborar uma tabela na lousa com os dados / informações da turma e comparar com os dados gerais do texto. - Leitura e compreensão do texto sobre a trajetória de Antônio. |
| Objetivo geral: Alternativas de Trabalho e a questão do desenvolvimento econômico. Objetivo específico: Apontar a importância do setor da construção civil para geração de empregos no contexto geral da economia. Cadeia produtiva da construção civil. Cadeia produtiva do petróleo e gás. Explicitar o papel do Estado e das políticas públicas na geração de emprego e renda. | Texto: <i>A reestruturação produtiva no setor da construção civil</i> Material didático de apoio: Reportagem sobre o petróleo e sua crescente importância como recurso energético em escassez (Quadro na lousa elaborado pelo educador. Revista <i>Discutindo Geografia e Carta Capital</i>) | - Solicitar que educandos realizem uma colagem sobre todas as matérias primas envolvidas na construção de um edifício, por exemplo. - A partir das descrições e informações trazidas pelos educandos, debater a importância do setor energético para a produção industrial. - Leitura do texto em grupo. - Apresentação de cada grupo. - Debate-diálogo. |
| Objetivo geral: Sensibilizar os educandos quanto à questão do desenvolvimento e | Impressões dos educandos sobre a cooperação e sua importância para os | Solicitar que educandos relembrem situações em que o trabalho cooperado e solidário é frequente e |

| | | |
|---|---|--|
| <p>solidário e humano, em oposição àquele que privilegia o desenvolvimento material como <i>sustentável</i>.</p> <p>Objetivo específico: Apresentar a <i>Economia Solidária</i> como um modo de organizar o trabalho “fora” dos parâmetros e lógica puramente capitalista.</p> <p>Aguçar a percepção dos educandos quanto aos modos de trabalho cooperativo que comumente realizamos sem prestarmos a devida atenção, assim como sua importância para a reprodução do trabalho (sua sobrevivência).</p> | <p>trabalhadores.</p> <p>Texto <i>Economia solidária no Brasil</i> de Paul Singer</p> | <p>necessário, e redijam um texto sobre a reflexão e diálogo.</p> <p>- Dividir os educandos em 3 grupos (3 fotocópias do texto):</p> <p>- Leitura e compreensão do texto: Explicitar a trajetória das cooperativas, diferenciando-as das <i>coopergratos</i>.</p> <p>“Amarrar” com o jogo cooperativo inicial.</p> |
|---|---|--|

Módulo 4 – Construção da Cidadania

| Objetivo | Conteúdo | Metodologia |
|---|---|---|
| <p>Objetivo geral: Cidadania e consciência de si – <i>para si</i></p> <p>Objetivo específico: Fazer com que os participantes percebam que cada um tem uma qualidade muito importante, que somada às qualidades dos outros participantes terá como resultado uma “grande bola” de diferentes qualidades onde cada uma tem seu significado e perspectiva próprio. Assim, ressalta-se a importância e sentido da participação.</p> | <p>Jogo cooperativo</p> <p><i>Bola-jornal-qualidades</i></p> <p>(Fonte: ITCP-USP, Sônia Kruppa)</p> | <p>Em círculo:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Uma primeira pessoa começa o jogo falando seu nome e uma qualidade sua enquanto amassa a folha do jornal. 2. A 1ª. Pessoas passa a folha amassada para o colega do lado esquerdo. 3. A segunda pessoa repete a etapa 1. 4. O último integrante do grupo ao incorporar a sua qualidade à bola, devolve-a ao facilitador que fará a finalização. |
| <p>Objetivo geral: Formas de Participação Social.</p> <p>Objetivo específico:</p> <p>Sensibilizá-los sobre a abrangência das implicações coletivas em detrimento daquelas individuais, comumente pensadas como mais valorativas. (Importância do coletivo)</p> | <p>Controle e comando. Participação tutelada.</p> <p>Escrever na lousa: Tutela: <i>proteção exercida em relação a alguém ou algo mais frágil</i>. Jur.: <i>encargo jurídico de velar por, representar na vida civil e administrar os bens de menor, interdito ou pessoa desaparecida</i> (fonte: Houaiss)</p> <p>Poema <i>Lição dos gansos</i> (autor desconhecido)</p> | <p>Propor que os alunos se agrupem em duplas. O professor pedirá que eles caminhem pela sala, sendo que um deles terá os olhos vedados e o outro conduzirá aquele que estará com os olhos vedados.</p> <p>As reações serão diversas e poderão ser exploradas algumas, por ex.:</p> <p>Confiança / desconfiança</p> <p>Insegurança / insegurança</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>“A resignação e o medo da participação são resultados da cultura autoritária, que perpassa nossa história e instalou-se na nossa cultura e, portanto, nos nossos próprios hábitos. Participar, em vez de ser regra geral, tornou-se uma exceção. Temos, então, o cidadão limitado, fechado, sem iniciativa, dependente”.</p> | <p>Medo / coragem</p> <p>Responsabilidade / irresponsabilidade</p> |
| <p>Objetivo geral: Participação política e cidadania</p> <p>Objetivo específico: Discutir a participação cidadã com os educandos. Sensibilizar educandos sobre o papel da participação política como elemento essencial da condição do cidadão.</p> | <p>Texto:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>O que é cidadania</i>. Ma. Covre p. 11-15 2. <i>O que é participação política</i>. Dalmo Dallari – <i>O homem: um animal político</i> - p. 12-17 3. <i>Poesia: Eu, etiqueta</i> (Carlos Drummond de Andrade). 4. <i>Participação</i>. Herbert de Souza | <ul style="list-style-type: none"> - Separar educandos em 4 grupos. - Distribuir textos. Um para cada grupo - Leitura e compreensão. - Cada grupo expõe seu aprendizado aos demais grupos. Após cada exposição abre-se a discussão-diálogo para todos, entre todos. |
| <p>Objetivo geral: Formas de Participação Política</p> <p>Objetivo específico: Retomar a discussão sobre a participação dos educandos. Diferenciar, com base no gráfico, o que é participação ativa (as formas de participações ativas estão representadas abaixo de 30% do total dos entrevistados).</p> | <p>Pesquisa realizada sobre as formas de participação política da Perseu Abramo.</p> <p>Reproduzir em cartolina ou lousa do gráfico</p> | <p>Em grupo, solicitar que os educandos leiam e debatam o gráfico “<i>Formas de participação política</i>”. Após o debate no grupo, solicitar que relatem a compreensão e aprendizado aberto a todos os educandos. - Fazer uma discussão e finalização avaliativa sobre o dia: Participação Política e Cidadã</p> |

Módulo 5 – O papel dos sindicatos

| Objetivo | Conteúdo | Metodologia |
|--|--|--|
| <p>Objetivo geral: Movimentos sociais e organização dos trabalhadores.</p> <p>Objetivo específico: Fazer com que as pessoas percebam que é muito importante se conhecerem entre si e que não há nada que as impeça de se fazerem conhecidas. Conhecer e dar-se a conhecer como um processo de participação na pólis.</p> | <p>Jogo cooperativo: <i>auto-identificação</i> – <i>amigo secreto</i></p> <p>Material: Etiquetas autocolantes, canetas / lápis de cor, um envelope não transparente.</p> | <p>1- O educador explica que cada participante receberá uma etiqueta na qual cada um deverá se identificar através de um desenho que poderá ser uma figura ou um símbolo;</p> <p>2- Dever ser feito um alerta para que só o próprio dono saiba o que desenhou. Colocar todos os desenhos no envelope.</p> <p>3- Cada participante retira uma etiqueta do envelope (seu amigo secreto) que não seja a sua. Ele deve observar a etiqueta, mostrá-la a todos e tentar adivinhar quem é o seu dono.</p> <p>4- O dono da etiqueta explica o que significa aquele desenho, cola-a na sua roupa, se apresenta com o seu verdadeiro nome e dá um abraço no colega que pegou a sua etiqueta. Segue-se até que todos tenham participado.</p> |
| <p>Objetivo geral: Sindicatos e direitos trabalhistas.</p> <p>Objetivo específico; Pedir para que os alunos identifiquem nos poemas elementos referentes à cidadania e a participação.</p> | <p>Poemas</p> <p><i>Estatuto do homem</i> – Thiago de Mello</p> <p><i>O analfabeto político</i> – Bertold Brecht</p> | <p>Após leitura e discussão em grupo, debater coletivamente os elementos encontrados nos poemas</p> |

| | | |
|--|--|--|
| <p>Objetivo geral: Sindicatos e direitos trabalhistas</p> <p>Objetivo específico: Compreender a “função” do sindicato em nossa sociedade.</p> | <p>Texto</p> <p><i>O que é um sindicato?</i></p> | <p>Leitura em grupo</p> <p>Debate nos grupos, compreensão e interpretação.</p> <p>Debate coletivo</p> |
| <p>Objetivo geral: Sindicatos e direitos trabalhistas.</p> <p>Objetivo específico: Compreender como essa “função” do sindicato em nossa sociedade sofre influência do momento histórico.</p> | <p>Filme: Braços Cruzados, Máquinas Paradas</p> <p>Texto de apoio: <i>O que é estrutura sindical.</i> Vito Giannotti</p> | <p>Assistir documentário. Coletar impressões e informações do grupo. Debate-diálogo.</p> <p>Debater como os sindicatos foram formados, no Estado Novo, como meio de controle da classe trabalhadora.</p> <p>Sindicalismo combativo</p> <p>Sindicalismo de resultado</p> <p>Sindicalismo pelego</p> |
| <p>Objetivo específico: Finalizar com proposta de leitura e continuidade formativa</p> | <p>Lista de assuntos, livros e revistas sobre as questões do mundo do trabalho.</p> | <p>Avaliar o curso, seus acertos, erros, impressões etc.</p> <p>Suscitar a importância do estudo como meio de compreender e interagir com o mundo em que vivo. Fomentar e incentivar a leitura e pesquisa.</p> |

ANEXO
Sistematização Prominp

RELATÓRIO FOTOGRÁFICO

Juntando cacos e construindo vitrais

O olhar desse relatório preocupa-se em organizar vários atos, momentos singulares e solidários entre si, numa teia que buscamos reconstruir e re-significar. Esperamos, com isso, fornecer alguns elementos (adendos) ao relatório já escrito de sistematização. Assim, “vamos ao encontro do tema na riqueza de suas inter-relações com aspectos particulares, às vezes não suspeitados, mas que lhe são solidários. Tanto sejamos capazes de um tal adentramento nele quanto poderemos captá-lo em seu complexo dinamismo”.²⁹

Tanto as atividades em sala, bem como nos demais espaços onde ocorreu *o fazer pedagógico* do Prominp no Vale do Paraíba, constituiu-se num amplo espectro de fatos e experiências que rememoramos aqui em fotografias. As experiências desse fazer, configuram um mosaico de múltiplas vivências entre os sujeitos envolvidos (mulheres e homens, educadores e educandos).

²⁹ FREIRE, P. (2006). *Ação Cultural para a liberdade: e outros escritos*. 11ª Edição, São Paulo: Paz e Terra.

Ato I - Quebrando gelo e descobrindo teias de relações....



Ato II – Colecionando histórias...



Ato III – Os estudos coletivos... leituras...exposições...debates...reflexões...



Ato IV – A profilaxia do espaço: adestrando corpos e mentes...aceitações..recusas...



Ato V - Construindo perspectivas... as dinâmicas de reflexões...relaxamentos...



Ato VI- Realizações... Perspectivas... conquistas



ANEXO I

Propostas de atividades – Temática Cidadania

Perguntar aos educandos o que entendem por cidadania. Fazer uma explosão de idéias/palavras. Desmistificar o conceito de cidadania entendido como uma ação individual, mas sim trabalhar com a idéia de cidadania vinculada a participação social coletiva. Enfatizar que em nossa sociedade *“ainda predomina uma visão reducionista da cidadania (votar de forma obrigatória, pagar os impostos... ou seja, fazer coisas que nos são impostas) e encontramos muitas barreiras culturais e históricas para a vivência da cidadania”*.

Articulada a questão acima, discutir os conceitos de cidadania outorgada, regulada e ativa, e o processo de democratização brasileira.

Texto – Cidadania, a construção de Espaços Públicos no Brasil – Débora Pereira do Rego Felgueiras.

Parte do texto da Fundação Telefônica – *“Eu, você, nós”*. (Indivíduo x coletivo)

Textos

- O que é cidadania – texto da internet baseado no texto de Dalmo Dallari.
- O que é cidadania – Livro da coleção primeiros passos. Maria de Lourdes Couvre. Ed. Brasiliense.
- Discutindo cidadania na escola – autor desconhecido – texto da internet (Fundação Telefônica).

Atividade 2

A importância do coletivo

Utilizando-se principalmente o poema a Lição dos Gansos (autor desconhecido)

Para esta discussão realizar a seguinte dinâmica

- Propor que os alunos se agrupem em duplas. O professor pedirá que eles caminhem pela sala, sendo que um deles fechará os olhos e o outro o conduzirá aquele que estará com os olhos fechados.

As reações serão diversas e poderão ser explorados alguns sentidos como – confiança/desconfiança, insegurança/segurança, medo/coragem, responsabilidade/irresponsabilidade etc.

Poderá ser explorada seguinte idéia

“A resignação e o medo da participação são resultados da cultura autoritária, que perpassa nossa história e instalou-se na nossa cultura e, portanto, nos nossos próprios hábitos. Participar, em vez de ser regra geral, tornou-se uma exceção. Temos, então, o cidadão limitado, fechado, sem iniciativa, dependente”.

- Outra dinâmica pode ser realizada. O professor entregará à um dos alunos um palito e pedirá para que ele o quebre. Depois o professor entregará um feixe de palitos e pedirá para ele quebrar, de modo que ele não consiga quebrá-los.

A partir das dinâmicas discutir a importância da organização coletiva.

Atividade 3

Participação política e cidadania.

Textos – Participação – Herbert de Souza

Fragmento do texto da Fundação Telefônica – *“Participação social, não fique de braços cruzados”* até o final do texto.

Solicitar dos educandos, a partir da discussão do segundo texto, até que ponto eles se sentem como cidadãos participantes.

Atividade 4

Em grupo solicitar que os educandos leiam o gráfico *“Formas de Participação Política”* – pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo em 1997.

Retomar a discussão sobre a participação dos educandos (atividade 3).

Diferenciar, com base no gráfico, o que é participação ativa. As participações ativas estão representadas abaixo de 30% do total dos entrevistados.

Atividade 5

Pedir para que os alunos identifiquem nos poemas elementos referentes à cidadania e a participação.

Poemas – Estatuto do homem (Thiago de Mello) e O analfabeto político (Bertolt Brecht).

Bibliografia

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil - O longo Caminho**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2001.

CHAUÍ, Marilena. "Comemorar?" In: **Brasil: Mito Fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Escola e conhecimento**. Cortez, 1998.

DAGNINO, Evelina. "Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania." In: **Anos 90: Política e Sociedade no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1994.

DALLARI, **Direitos Humanos e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1998. p.14

DUARTE JR. João Francisco. **O que é Realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FALKMBACH, Elza. **A sistematização**. In Caderno de Sistematização. São Paulo: PNF/CUT, 2001.

FERRETTI, Celso. **Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola**. São Paulo: Xamã, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____ **Pedagogia da autonomia**. 21. ed. São Paulo. Paz e Terra, 2002.

_____ **Medo e ousadia**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____ **Educação e política**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e crise do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez. 1993.

GANDIN, Danilo e Gandin Luís Armando. **Temas para um projeto político-pedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes. 1999

GENTILE, Pablo. **Pedagogia da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GENTILE, Pablo e FRIGOTTO, Gaudêncio. **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez. 2001

HADDAD, Sérgio. **Tendências atuais na Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. In Anais do encontro Latino-americano sobre Educação de Jovens e Adultos. Brasília. MEC/INEP. 1994

LEFORT, Claude. **Pensando o Político**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

Ponce, Branca Jurema. **Fundamentos Básicos da Sociologia e Filosofia**. Fundação Bradesco, cap. 1 e 2.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Cidadania e Justiça**, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1979.

TELLES, Vera da Silva. "Sociedade civil e a construção de espaços públicos" In: **Anos 90: Política e Sociedade no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1994.

TELLES, Vera da Silva, "No fio da Navalha: entre carências e direitos" In: **Revista Polis**, no30, 1998.

ANEXO II

Segundo a resolução 330/03 do CODEFAT, tem prioridade no atendimento:

Art. 8º A população prioritária do PNQ, para fins de aplicação de recursos do FAT, compreende os seguintes segmentos:

I – trabalhadores/as sem ocupação cadastrado/as no Sistema SINE e/ou beneficiários/as das demais políticas públicas de trabalho e renda, particularmente: ações de primeiro emprego, seguro-desemprego, intermediação de mão-de-obra; microcrédito e de ações de economia solidária;

II – trabalhadores/as rurais: agricultores familiares e outras formas de produção familiar; assalariados empregados ou desempregados; assentados ou em processo de assentamento; populações tradicionais; trabalhadores/as em atividades sujeitas a sazonalidades por motivos de restrição legal, clima, ciclo econômico e outros fatores que possam gerar instabilidade na ocupação e fluxo de renda;

III – pessoas que trabalham em condição autônoma, por conta própria, cooperativada, associativa ou autogestionada;

IV – trabalhadores/as domésticos/as;

V – trabalhadores/as em empresas afetadas por processos de modernização tecnológica, privatização, redefinições de política econômica e outras formas de reestruturação produtiva;

VI – pessoas beneficiárias de políticas de inclusão social; de ações afirmativas de combate à discriminação; de ações envolvendo segurança alimentar e de políticas de integração e desenvolvimento regional e local;

VII – trabalhadores/as egressos/as do sistema penal e jovens submetidos/as a medidas socioeducativas, trabalhadores/as libertados/as de regime de trabalho degradante análogo à escravidão e de familiares egressos do trabalho infantil;

VIII – trabalhadores/as do Sistema Único de Saúde, Educação, Meio Ambiente e Segurança e Administração Pública;

IX – trabalhadores/as de empresas incluídas em arranjos produtivos locais, de setores exportadores, setores considerados estratégicos da economia, segundo a perspectiva

do desenvolvimento sustentável e da geração de emprego e renda e de setores econômicos beneficiados por investimentos estatais;

Planseq Araçariguama

Realizamos uma pesquisa para que pudéssemos verificar se o público atendido em Araçariguama e região correspondia à expectativa proposta nessa resolução do CODEFAT. Segue alguns dados do perfil do trabalhador atendido:

A maioria dos participantes eram homens (89%) e jovens, vindos das cidades da região (Araçariguama, São Roque, Sorocaba, Mairinque, Votorantim e Pirapora) com a seguinte escolaridade e situação de trabalho:

Escolaridade

- ✓ Concluíram ensino médio - 68%
- ✓ Cursando ensino médio ou fundamental - 26%
- ✓ Concluíram ensino superior - 1%
- ✓ Não concluíram ensino superior - 3%
- ✓ Interromperam os estudos - 5%

Situação de trabalho na atualidade

- ✓ Desempregado sem fonte de renda - 66%
- ✓ Desempregado com fonte de renda (trabalho esporádico) -15%
- ✓ Emprego informal - sem carteira assinada - 18%
- ✓ Auxílio doença - 1%

Por meio dos dados, podemos verificar que o público atendido pelo Planseq Araçariguama e região atende ao objetivo proposto pela resolução, tanto em relação ao perfil das pessoas atendidas, quanto à região abrangida pelo projeto, (toda região de Araçariguama). É importante fazer uma reflexão sobre alguns dados que não aparecem de forma quantitativa, mas que surgem no discurso dos educadores e dos alunos.

Um dado interessante de ser analisado é a presença das mulheres nos cursos da área de metalurgia, considerados, até então, tipicamente masculinos, por

necessidade do uso da “força física”. Com a participação de 11% de mulheres nos cursos, foi possível fazer um debate sobre o preconceito e desmistificar algumas idéias em relação à divisão de gênero e mundo do trabalho.